

**Cristo
nos
Profetas Menores**

Harold P. Barker

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

Cristo nos Profetas Menores

Harold P. Barker

com Notas Auxiliares e Resumos por R.J.A.

1ª edição brasileira: fevereiro de 1987

2ª edição brasileira: fevereiro de 2014

Capa:

Tradução: Edgard de Almeida

ISBN: 978-85-7558-117-9

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: edicoescristas.com.br

ÍNDICE

Prefácio
Notas Auxiliares
Introdução
Oseias
Joel
Amós
Obadias
Jonas
Miqueias
Naum
Habacuque
Sofonias
Ageu
Zacarias
Malaquias
Conclusão



PREFÁCIO

Ao lermos este livro, no original, tivemos a impressão, à primeira vista, que o Autor estava “forçando” um pouco a interpretação dos textos bíblicos a fim de fazer crer que tais citações se referiam mesmo ao Senhor Jesus Cristo.

Porém, ao examinarmos mais atentamente e comparando a interpretação dada, baseada nas citações da própria Bíblia, em o Novo Testamento e também no Velho Testamento, chegamos à conclusão de que o nosso irmão não só está certo na interpretação, mas trouxe-nos mais luz em muitas passagens bíblicas que antes não tinham tanto significado para nós.

E não só isso. O nosso irmão, de saudosa memória, soube fazer muito bem a distinção entre as bênçãos destinadas ao povo de Israel e aquelas prometidas aos Crentes em Cristo. Diz ele, várias vezes: “Não devemos confundir as bênçãos prometidas a Israel e as prometidas aos Cristãos”. “Quando Deus fala ao povo judeu, é a eles que Ele fala”.

Portanto, damos graças a Deus e ao Senhor Jesus Cristo pela revelação das bênçãos e das glórias do Senhor Jesus manifestadas nos profetas menores.

Edgard de Almeida
Novembro de 1986

Notas Auxiliares:

I - O REINO DE ISRAEL:

- A) Unido: de 1.050 a 930 a. C., com Saul, Davi e Salomão;
- B) O Reino do Norte (ou Israel): 930 a 722 a. C., de Jeroboão I a Oseias, com a queda de Samaria (722 a.C.), tomada por Salmaneser;
- C) O Reino do Sul (ou Judá): 930 a 587 a. C., de Roboão a Zedequias, com a queda de Jerusalém (587 a.C.), tomada por Nabucodonosor.

II - TEMPLOS EM JERUSALÉM

- A) de Salomão (957-587 a. C.), destruído pelo exército de Nabucodonosor (1 Reis 6.1; 2 Reis 25.8-9);
- B) de Zorobabel (520 a. C. – 20 d. C.), construído por Zorobabel (Esdras 1.1-2 – Ciro; Esdras 6.1.8, 12 – Dario);

C) de Herodes (20-70 d. C.), profecia de sua destruição cumprida quando os romanos, após a revolução dos Macabeus, invadiram Jerusalém, sob o comando do imperador Tito, em 70 d. C.

III - IMPÉRIOS MUNDIAIS

A) Assíria:

Salmaneser

[Queda de Samaria] (722 a.C.), (2 Reis 17);

Sargão II (722-705 a. C.),

Senaqueribe (705-681 a. C.),

Esar-Hadom (681-669 a. C.),

Assurbanipal (669-627 a. C.)

[Queda de Nínive] (612 a. C.);

B) Babilônia:

Nabucodonosor II (605-562 a. C.),

[Queda de Jerusalém] (587 a. C.), (2 Reis 25),

Nabonido (556-539 a. C.),

Belsazar (550-539 a. C.),

[Queda de Babilônia] (539 a. C.);

C) Medo-Pérsia:

Ciro, o Grande (539-530 a. C.),

Cambisses (530-522 a. C.),

Dario I (522-486 a. C.),

Xerxes I (Assuero, na Bíblia – livro de Ester) (486-465 a. C.),

Dario II (424-404 a. C.),

Artaxerxes I (404-359 a. C.),

Dario III (336-331 a. C.);

D) Grécia:

Alexandre, o Grande

E) Roma:

Júlio César

...

Vespasiano,

[Anexação da Palestina ao Império Romano] (63 d. C.).

IV) ALGUNS CONCEITOS PRÉVIOS:

1) Profetas: eram pessoas escolhidas por Deus para, através delas, ele falar ao povo (2 Pedro 1.21).

Exemplos: Moisés (Êxodo 3.10, 14; Deuteronômio 34.10); Abraão (Gênesis 20.7); Ezequiel (2.3-7).

a) Alguns apresentaram a sua mensagem apenas verbalmente.

Exemplos: Gade (1 Samuel 22.5); Elias (1 Reis 18.22); Eliseu (2 Reis 5.8); Ágabo (Atos 11.27-28).

b) Outros a apresentaram também por escrito (16 são citados e têm suas mensagens ou livros na Bíblia): (4 + 12).

2) Doutrina: no início da Igreja ainda havia este dom (Atos 11.27-28; 1 Coríntios 12.28), mas, quando veio “o que é perfeito” (1 Coríntios 13.8-10), isto é, a completa revelação de Deus, este dom cessou (1 Coríntios 13.8-10). Tudo o que Deus tinha a dizer já o disse: está na Palavra de Deus, a Bíblia.

Nada mais tem Ele a acrescentar e ninguém tem o direito de acrescentar e, se o fizer, estará sob a maldição divina (Apocalipse 22.18).

Os que hoje se intitulam de profetas são falsos profetas.

V) CLASSIFICAÇÃO DOS PROFETAS QUE ESCREVERAM:

Esta classificação depende de vários fatores:

1) Em relação ao TEMPO de seu ministério:

a) Profetas pré-exílicos:

Isaias,
Jeremias,
Oseias,
Joel,
Amós,
Jonas,
Miqueias,
Naum,
Habacuque (?),
Sofonias.

b) Profetas exílicos:

Ezequiel,
Daniel.

c) Profetas pós-exílicos:

Joel,
Obadias,
Ageu,
Zacarias,
Malaquias.

Obs. 1) O exílio assírico ocorreu quando Samaria foi sitiada e, em 722 a. C., foram levados por Salmaneser para a Mesopotâmia (2 Reis 17.5, 6, 18).

Obs. 2) O exílio babilônico ocorreu em 587 a. C., com a queda de Jerusalém, por Nabucodonosor, sendo levados para a Babilônia (2 Reis 25).

2) Em relação ao ALVO de suas profecias:

a) A Israel (Reino do Norte):

Oseias,
Amós,
Jonas;

b) A Judá (Reino do Sul):

Isaías,
Jeremias,
Joel,
Miqueias,
Habacuque,
Malaquias,
Sofonias,
Ezequiel,
Daniel,
Ageu,
Zacarias;

Obs.: Alguns profetas tinham um duplo alvo:

Jonas (Israel e também as Nações),
Miqueias (Israel e também Judá),
Sofonias (Judá e também as Nações),
Naum (Judá e também as Nações),
Habacuque (Judá e também as Nações).

3) Em relação à EXTENSÃO de suas profecias:

a) Profetas maiores:

São quatro:
Isaías,
Jeremias,
Ezequiel,
Daniel;

b) Profetas menores:

São doze.

Obs.:

- a) Os profetas menores são o alvo de nosso estudo;
- b) O texto sagrado foi escrito sem a divisão em capítulos e em versículos, mas de forma contínua;
- c) Não se trata de maior ou menor número de capítulos que haja em cada livro destes profetas.



INTRODUÇÃO

Numa certa cidade dos Estados Unidos é possível ver uma cópia da famosa “Declaração da Independência” daquele país, na qual as palavras parecem se esparramar desordenadamente sobre um pergaminho de uma maneira muito estranha. À primeira vista, parece tudo fora de ordem e tem-se a impressão de que houve alguma falha na máquina de imprimir e, em lugar das palavras serem colocadas em linha reta e em ordem, parece que elas foram colocadas de qualquer jeito, causando, ao leitor, certa perplexidade.

Entretanto, numa inspeção mais demorada, no meio daquela forma desordenada começa a aparecer uma espécie de desenho. E, de repente, daquele desenho surge, diante de nossos olhos, tão claramente, o retrato de George Washington.

As palavras e as sentenças na ordem em que foram colocadas formam a figura daquela face tão familiar aos americanos. O arranjo das palavras que, a princípio, parecia tão mistificado, manifesta-se agora como a ordem escolhida justamente para aparecer o rosto de Washington no meio da histórica “Declaração”, com a qual o seu nome está tão intimamente ligado.

Ao lermos os Profetas Menores, muitas vezes acontece coisa semelhante. A maneira como a narrativa, os avisos, as promessas e as predições nos são apresentados, aparentemente sem nenhuma ordem ou interesse, causa-nos perplexidade. Mas, quando fazemos um exame mais demorado e profundo, chegamos à conclusão de que há, realmente, uma certa linha de revelação através de cada profecia. Aliás, é o que realmente deve acontecer, pois estes testemunhos são divinos. Onde encontrar, pois, a chave do segredo?

O objetivo deste livro é justamente dar a resposta a esta questão, procurando mostrar que CRISTO é o tema principal destes doze admiráveis livros. “*DEle dão testemunho todos os profetas*” (Atos 10.43). Assim como o rosto de Washington surgiu daquele antigo documento acima descrito, assim a face de Jesus Cristo surge diante dos nossos olhos através destas antigas profecias. Ele é encontrado nas breves páginas de Joel e de Sofonias, tanto quanto nas mais conhecidas páginas de Isaías e de Daniel.

Ao lermos as Escrituras, o nosso principal objetivo deveria ser o de “*ver*” como Cristo nos é apresentado em Seus diferentes aspectos. “A verdade é”, diz o falecido sr. William Kelly, “que o Senhor Jesus, o Messias, é o principal objetivo do Espírito Santo quando nos fala de algum objeto ou ofício super-excelentes, não importando qual a cor ou a natureza. Seja como sumo sacerdote, profeta ou rei, seja como salvador, conquistador ou juiz. Sim, Aquele que o Espírito Santo tem em vista, desde o princípio, é Cristo e assim deve ser com a nossa interpretação, onde o Espírito Santo identifica nossa afeição para Cristo e forma em

nossas mentes aquilo que é conforme os propósitos e desígnios de Deus. Por isso o Espírito de Cristo deve ser a característica do cristão. E este deve ser o primeiro, dentre os homens, a ver o que está discorrendo através da Palavra escrita. E é isto que encontramos nos apóstolos, principalmente em Paulo — se bem que pertence ao Novo Testamento — isto é, o acurado sentimento no temor do Senhor que vê Cristo em toda parte”.

Certamente não vamos encontrar o “Cristianismo” nos profetas, mas facilmente encontramos Cristo. Mas necessitamos daquele sentimento que houve no apóstolo Paulo para vê-lo em toda parte. Assim, teremos prazer em delineá-lo em Sua humilhação e em Sua vinda em glória e também em outros detalhes pelos quais O conhecemos. A profecia não se preocupa tanto com a presente sessão, onde vemos o Senhor Jesus assentado à direita de Deus, com a Sua Igreja, o Seu corpo e a celeste comunhão com todos os crentes de todos os tempos. Mas o seu principal objetivo é sempre Aquela abençoada Pessoa que nos cativou; Aquele cujo coração de Deus se dignou nos revelar.

O leitor, portanto, não deve esperar encontrar nos capítulos que seguem um estudo detalhado de cada um dos Profetas Menores. Penas mais hábeis já o fizeram. Por outro lado, para mostrar como Cristo está presente nas mais variadas profecias, certamente vamos recorrer ao valioso auxílio da exegese destes doze livros. E é isto o que o escritor tem em vista, pedindo, para isto, a graça e a ajuda de Deus.



OSEIAS

1.1, 2, 9-11

“Palavra do Senhor que foi dirigida a Oseias, filho de Beerí, nos dias de Uzias, Acáz e Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel.

“Quando pela primeira vez falou o Senhor por intermédio de Oseias, então lhe disse: Vai, toma uma mulher de prostituições e terás filhos de prostituição, porque a terra se prostituiu, desviando-se do Senhor.

“Disse o Senhor a Oseias: Põe-lhe o nome de Não-meu-povo (Lo-ami), porque vós não sois Meu povo, nem Eu serei vosso Deus.

“Todavia, o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que se não pode medir nem contar; e acontecerá que no lugar onde se lhes dizia: Vós não sois Meu povo, se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus vivo.

“Os filhos de Judá e os filhos de Israel se congregarão e constituirão sobre si uma só cabeça e subirão da terra; porque grande será o dia de Jezreel”.

Em certas circunstâncias, uma medida “mais ou menos” nada vale; só vale aquela que é correta e fiel. O estado do povo de Israel se tornara de tal maneira indiferente, nos dias dos reis mencionados nos primeiros versículos desta profecia, que as simples palavras se tornaram inúteis. Eles se tornaram tão duros em ouvir que ficaram surdos.

Assim, “o princípio da palavra do Senhor por Oseias” (VRC) deve ter causado extrema repugnância para o próprio profeta, mas isto deveria chamar a atenção do povo, de maneira marcante, para o estado reprovável da nação e para o juízo de Deus que viria inevitavelmente.

O Espírito de Deus não se deleita em residir sobre o mal, ainda que possa empregá-lo como um negro pano de fundo, a fim de manifestar, com toda essa força de expressão, a glória e a bênção que estão nos propósitos de Deus para esta Terra.

Notamos isso especialmente em Oseias onde, depois de retratar solenemente a condição horrível de Israel, passa, depois, a falar das glórias do Dia de Cristo. E isto é extremamente precioso para os corações dos que realmente amam ao Senhor: observar como o profeta faz com que todas as bênçãos vindouras se centralizem em CRISTO!

UMA SÓ CABEÇA

Em primeiro lugar, Ele é mencionado por Oseias como “*uma só cabeça*”, debaixo da qual as nações divididas de Judá e de Israel seriam reunidas naquele dia. Isso Ele será não só pela indicação de Deus, mas pela escolha do próprio povo. “*Os filhos de Judá e os filhos de Israel se congregarão e constituirão sobre si uma só cabeça*” (1.11).

Havendo tornado, em verdadeiro arrependimento, ao Deus dos seus pais e tendo mudado os seus corações de pedra para um “*coração de carne*”, voltarão, alegremente, para os propósitos de Deus e com uma só voz aclamarão Aquele que Deus lhes deu como o seu Cabeça.

A divisão entre Israel e Judá datou dos dias posteriores ao reinado de Salomão. Sendo isso permitido por Deus, em Seu governo soberano, nem por isso Ele seria obrigado a reuni-los novamente. Mas, quando vier e tomar o Seu devido lugar nos corações do Seu povo restaurado, então essa divisão cessará para sempre.

A unidade do povo de Deus evidentemente jaz no íntimo do Seu coração. O Espírito Santo parece indicar isso em conexão com o dia por vir. Lemos, por exemplo: *“Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho”* (Jeremias 32.39). *“Farei deles uma só nação na terra... e um só rei será rei de todos eles; nunca mais serão duas nações; nunca mais se dividirão em dois reinos”*. *“O Meu servo Davi reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor”* (Ezequiel 37.22, 24). *“O Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um só será o Senhor e um só será o Seu Nome”* (Zacarias 14.9).

Se Cristo será o motivo da unidade naquele dia, quanto mais é Ele, hoje, quando os crentes são membros do Seu corpo, que é um só! E é quando damos ao Senhor Jesus o devido lugar em nossos corações e em nosso meio que isso se torna mais real.

Vivemos em dias em que muitas uniões e confederações são organizadas. Não nos devemos preocupar tanto com isto.

Mas devemos nos sentir alegres quando vemos os crentes procurando dar mais ênfase naquilo que une os filhos de Deus, em lugar de enfatizar as diferenças que os dividem, de modo que haja um esforço mútuo entre eles num sentimento espiritual mais acentuado nos corações daqueles que se inclinam para Cristo e cujo amor deve ser notório.

O MARIDO DE ISRAEL

2.14-19

“Portanto, eis que Eu a atrairei e a levarei para o deserto e lhe falarei ao coração. E lhe darei, dali, as suas vinhas e o vale de Acor por porta de esperança: será ela obsequiosa como nos dias da sua mocidade e como no dia em que subiu da terra do Egito. Naquele dia, diz o Senhor, ela Me chamará: Meu Marido (Ishi) e já não Me chamará: Meu Baal... e farei o Meu povo repousar em segurança”.

Em Oseias 2 vemos a restauração de Israel descrita sob o ponto de vista do amor fiel de Jeová. Ele será conhecido do Seu povo por um nome que expressa aquele amor. *“Naquele dia, diz o Senhor, ela Me chamará: Meu Marido e já não Me chamará: Meu Baal”* (2.16).

Devemos ter sempre em mente que o Jeová do Velho Testamento é o Jesus do Novo Testamento. E, nesse sentido, Ele, o Jeová-Jesus, conhecido por nós em graça, é chamado o Marido de Israel. Depois de todos os anos de desvio e de apostasia, ela (a Nação de Israel) é trazida a fim de conhecer o amor dAquele que a seguiu durante a sua infidelidade. Sua frieza de coração foi tirada e o calor da afeição de Deus foi derramado por meio dAquele que é o Noivo de Israel, como também é o nosso Noivo.

O REI DE ISRAEL

3. 4, 5

“Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei, sem príncipe, sem sacrifício, sem coluna, sem estola sacerdotal ou ídolo do lar. Depois tornarão os filhos de Israel e buscarão ao Senhor seu Deus e a Davi, seu rei e, nos últimos dias, tremendo, se aproximarão do Senhor e da Sua bondade”.

No capítulo 3, Cristo nos é apresentado como o verdadeiro Davi, o rei de Israel. O longo período de dispersão, quando eles ficaram sem rei, ou príncipe, ou sacrifício (sem os símbolos idólatras do culto falso que no passado eles tanto utilizaram) e se apartaram do lar, entre as nações, este período estará terminado. Então eles retornarão e acharão o Senhor e *“Davi, seu Rei”*.

Honras régias pertencerão, então, Àquele que foi rejeitado no Calvário. Não devem nossos corações se regozijarem com esta expectativa? Haverá alguém tão egoísta que diga: “Não estou interessado porque o que aqui está referido não é de meu interesse pessoal?” Você não está interessado no que interessa a Ele? Você não está interessado naquilo que Lhe agrada e O conduz à glória? Quando você canta:

*“Já temos privilégio de, pela fé, prever
A divinal herança que vamos receber.
A dor e o sofrimento jamais terão lugar
Quando Cristo triunfante aqui reinar”*

(HeC 290)

você está pensando só naquele dia ou está pensando também no triunfo de Cristo? Queira Deus nos livrar de tão lamentável egoísmo.

Os capítulos seguintes de Oseias estão reple-tos de instruções, mas vamos pular por cima porque o nosso assunto é procurar Cristo nas antigas profecias.

Porém, de passagem, vamos notar que *“conhecimento”*, o conhecimento de Deus, é um dos grandes temas de Oseias. Em primeiro lugar, vemos traçada a decadência de Israel, na falta do conhecimento da bondade de Jeová. *“Ela, pois, não soube que Eu é que lhe dei o grão, o vinho, o óleo”* (2.8). Mas, no dia da glória futura, quando Jeová desposar o Seu povo para Si, então O conhecerá plenamente: *“Desposar-te-ei comigo em fidelidade e conhecerás ao Senhor”* (2.20).

Entrementes, o profeta tem que lamentar esta falta de conhecimento, quando diz: *“Nela não há verdade, nem amor, nem*

conhecimento de Deus” (4.1). Esta foi a causa de toda a tribulação. “*O Meu povo está sendo destruído por-que lhe falta o conhecimento... porque rejeitaste o conhecimento*” (4.6).

E foi isso, também, que aconteceu no caminho de volta a Deus: “*Não conhecem ao Senhor*” (5.4). Mas quando chegar o verdadeiro arrependimento neles e forem restaurados e viverem perante Deus, então “*conhecerão e seguirão o conhecimento do Senhor*” (6.3). Então aprenderão que isto é mais agradável a Deus do que qualquer outra coisa; “*o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos*” (6.6).

Mera confissão não adianta. Ainda que Israel clame: “*Nosso Deus! Nós, Israel, Te conhecemos*” (8.2), será em vão.

Somente aqueles, como Oseias, que, no meio de tanta corrupção lamentam e seguem ao Senhor, serão trazidos ao verdadeiro conhecimento dos caminhos do Senhor. “*Quem é sábio, que entenda estas coisas; quem é prudente, que as saiba, porque os caminhos do Senhor são retos*” (14.9).

Conhecer ao Senhor é como ser trazido à fonte de origem de toda bênção. Não pode haver verdadeira felicidade para a criatura, comparável com a revelação do Criador, em beneficência, amor e comunhão, na qual Ele Se deleita em nos ter como filhos. Estou falando, agora, do conhecimento que é a porção dos crentes. O fato de Deus Se ter revelado plenamente em Cristo significa completa bênção para nós. Nada pode transcender à inenarrável felicidade de sermos trazidos a conhecer Deus na plenitude do Seu amor revelado em Seu Filho Jesus!

O REPRESENTANTE DE ISRAEL

11.1

“*Quando Israel era menino, Eu o chamei e do Egito chamei o Meu Filho*”.

Voltamos novamente a mais uma referência ao Senhor Jesus Cristo, nas páginas de Oseias. A menção deste versículo em Mateus 2.5 nos capacita a encontrar Cristo também aqui. Quando Ele veio a este mundo e identificou-Se em graça com a história de Israel: a jornada para o Egito e a tentação no deserto. No mesmo lugar em que Israel se tornou o objeto do cuidado preservador de Deus (Sua fidelidade manifestada em contraste com a falha de Israel), aí, também, Ele (Jesus) andou para poder, numa maneira real, estar pronto a mostrar com- paixão, suportar e socorrer os corações do Seu povo em dias vindouros, quando Deus trará, novamente, o Seu povo das nações de sua opressão e os fará atra- vessar o deserto (Ezequiel 20.34, 35; Isaías

11.16; Oseias 2.14; Hebreus 2.18), antes mesmo de estabelecê-los na terra prometida!

Resumo de Oseias:

Enquanto Isaías profetizava em Judá, Oseias o fazia em Israel.

Começou seu ministério durante o reinado de Jeroboão II e continuou até depois de a nação ser tomada pelos assírios; este foi um dos períodos mais obscuros da nação judaica.

É fácil lembrar-nos de Oseias como o profeta da esposa infiel.

Deus mandou que casasse com uma mulher adúltera chamada Gomer. Fiel ao seu caráter, ela o abandonou para viver vergonhosamente em pecado, então Deus instruiu Seu servo a comprá-la no mercado público e trazê-la de volta para casa em bênção.

O propósito de tudo isto era demonstrar o tratamento de Deus em relação a Israel. A nação tinha demonstrado ser infiel, vivendo na idolatria e vergonha moral. Por muitos anos estaria sem rei e sem sacrifícios. Este é seu estado atual.

Mas Israel voltará arrependida ao Senhor e Ele mostrará misericórdia. Às vezes, Israel é chamado de Efraim porque era a maior das tribos do Reino do Norte e era a líder na rebelião. Oseias utiliza este nome ao referir-se às dez tribos de Israel ou Reino do Norte. Mas Israel será curado para sempre de sua idolatria e se converterá a Deus.

Este livro é uma história maravilhosa que mostra o fiel amor de Deus a um povo infiel.



JOEL

1.1-19

“Palavra do SENHOR, que foi dirigida a Joel, filho de Petuel.

“Ouvi isto, vós, velhos, e escutai todos os habitantes da terra: Aconteceu isto em vossos dias? ou nos dias de vossos pais?

“Narraí isto a vossos filhos e vossos filhos o façam a seus filhos e os filhos destes à outra geração.

“O que deixou o gafanhoto cortador, comeu-o o gafanhoto migrador; o que deixou o migrador, comeu-o o gafanhoto devorador; o que deixou o devorador, comeu-o o gafanhoto des-truidor...”

“Da casa de vossos deuses foram cortadas a oferta de manjares e a libação. Promulgai um santo jejum...”

“A Ti, ó Senhor, clamo”

Nos dias do profeta Joel, a terra de Judá foi invadida por uma terrível praga de insetos. Nunca houve coisa igual antes. Por toda a parte houve devastação. Primeiro o gafanhoto cortador; depois o gafanhoto migrador; depois o gafanhoto devorador e, depois, o gafanhoto destruidor; nada escapou.

As vinhas e as figueiras foram destruídas, os campos de trigo e de cevada se tornaram desolados, a grama dos pastos foi consumida e toda a terra tornou-se em completa destruição.

Mas o que causou maior pena ao profeta foi o fato de ter sido cortada da Casa do Senhor a oferta de manjares e a libação (1.9). Duas vezes, neste capítulo, este fato é lamentado; e não é de admirar, pois as ofertas de manjares e as libações falam de CRISTO. E, agora, cessaram! Assim, Deus, ao olhar dos altos céus, nada mais viu que representasse CRISTO aos Seus olhos.

Aqui, então, vemos o negro pano de fundo da profecia que estamos considerando, uma profecia que, no seu final, brilha com tão glorioso esplendor.

Devemos lembrar que todas estas coisas têm um ensino moral. A desolação em todo redor era o estrago correspondente ao pecado que se alastrou entre eles. O povo havia-se desviado completamente de Jeová e o seu estado era tal que Deus não pôde suportar mais.

A cena toda era de ruína e de afastamento de Deus. Houve alguém ali que sentiu tudo isto? Alguém que tenha visto as coisas do ponto de vista de Deus? Alguém que, em segredo, lamentasse a triste condição da terra e do povo?

Sim, houve: Joel. Não há dúvida que houve outros homens que temiam a Jeová, assim como foi nos dias de Elias, em que 7.000 não dobraram os joelhos a Baal. E Joel aparece diante de nós como um que lamentou o estado das coisas e carregou sobre si a pena de todo o povo. E quem pode falhar em reconhecer a voz de Cristo na maneira em que ele fala? Quem é aquele que fala nos vv. 6 e 7 de *“minha terra”, “minha vinha” e “minha figueira”*? Quem é aquele que, no meio de toda aquela tristeza, clama a Jeová, como Um em quem somente se pode encontrar o socorro? (v. 19). Creio que é o bendito Senhor, no espírito de profecia, identificando-Se com o Seu povo em sua dor, sentindo a pressão que está sobre eles, fazendo com que o Espírito de Deus produza neles o arrependimento por meio daquela provação.

Precioso Salvador! Com que profunda alegria podemos conhecê-lo e numa maneira mais íntima manter comunhão com Ele, mantendo um espírito gracioso para com o Seu povo do passado.

Mas o estado da nação de Israel era desesperador. As ofertas de manjares e as libações tinham cessado; o povo tinha, assim falando, perdido aquilo que era uma representação de Cristo e que possível esperança poderia ter fora dEle?

2.1-13

“Tocai a trombeta em Sião e dai voz de reba-te no Meu santo monte; perturbem-se todos os moradores da terra, porque o dia do SENHOR vem, já está próximo; dia de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão!... qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração...”

“O SENHOR levanta a Sua voz diante do Seu exército; porque muitíssimo grande é o Seu arraial; porque é poderoso quem executa as Suas ordens; sim, grande é o dia do SENHOR e mui terrível! Quem o poderá suportar?”

“Ainda assim, agora mesmo diz o SENHOR: ... Converti-vos ao SENHOR vosso Deus; por-que Ele é misericordioso e compassivo e tardio em irar-Se e grande em benignidade e Se arre-pende do mal”.

No capítulo 2, toda a situação é mudada. Deus leva adiante o seu grande recurso. Se não havia nenhuma perspectiva para Judá, senão escuridão e desespero; se o seu céu estava coberto de nuvens escuras, sem nenhum raio de luz a brilhar, sua angústia deu a Deus oportunidade para mostrar aquilo que Ele sempre teve em vista e que é completamente seguro de qualquer possibilidade de falha, o fruto do Seu próprio conselho.

Assim, no capítulo 2, a situação é transformada pela introdução do Monte Sião e a profecia nos leva ao futuro. A praga dos insetos é, então, vista como uma figura do golpe mais terrível que poderia vir sobre a terra e sobre o povo de Israel nos últimos dias (dias por vir): um tempo tão mais terrível do que aquele representado pela devastação dos insetos, *“o qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração”* (2.2).

Não me proponho entrar nos detalhes do futuro profético porque o meu propósito é, não uma exposição do livro de Joel, mas mostrar como CRISTO está presente nele. Para isto precisamos ter certa compreensão daquilo que a Ele se refere, no sentido de poder ver como Deus traz o grande socorro.

Nos últimos dias, quando os judeus serão reunidos novamente na sua própria terra e serão reconhecidos por Deus como o Seu povo, um grande inimigo virá contra eles, vindo do Norte. Este inimigo não deve

ser confundido com o Anticristo, nem com o rei que nas Escrituras é chamado “A Besta”, o qual reinará sobre o império do Ocidente.

Este outro inimigo, que virá do Norte contra Jerusalém, é mencionado pelos profetas Isaías, Ezequiel, Miqueias e outros, como sendo a “Assíria”. A primeira parte do livro de Joel descreve essa invasão da terra de Israel e a maneira como os exércitos avançam sobre Jerusalém. Com espada e lança eles espalham a destruição por todo lado. “*Nada escapará deles*”.

Mas não é apenas ao inimigo e ao estrago que ele causará que Deus dirige a nossa atenção, por meio do Seu servo Joel, mas, também, para a maneira como Ele trará Seu socorro no “*Monte Sião*”. Em conexão com o Monte Sião, temos a completa derrota do inimigo e o livramento final, juntamente com as bênçãos sobre o povo de Deus.

Certamente, tudo isso ainda é futuro. Porém, há uma passagem em Hebreus 12 para a qual desejo chamar sua atenção: “*Mas tendes chegado ao Monte Sião*”. Sião ainda não chegou para o povo de Israel; a bênção de Deus que foi prome-tida para a terra, em conexão com Sião, ainda está sendo esperada. E, enquanto Sião ainda não chega, nós, os cristãos, já chegamos a ele. É isto que nos diz Hebreus 12.22. O sentido é bem claro. Sião é realmente um tipo de Cristo ressuscitado; Aquele em Quem Deus tem confirmado a Sua bênção, não no campo terrenal, isto é, no cumprimento da responsabilidade por parte do homem, mas no campo do Seu próprio propósito.

Quando tudo, da nossa parte, tem falhado e todo o nosso clamor a Deus tem sido inútil, Ele, prazerosamente, apresenta Cristo como o Seu grande Socorro, o único em quem as bênçãos para os homens são entesouradas, conforme o Seu próprio propósito, e de tal maneira que haja perfeita segurança contra qualquer falha ou prejuízo.

Não desejo seguir os passos daqueles que espi-ritualizam os profetas e fazem referências a Israel aplicando-as à Igreja; àqueles que inter-pretam literalmente todas as bênçãos prometidas à nação escolhida, como sendo referentes, de uma maneira espiritual e alegórica, aos cristãos. Eles têm causado grandes danos com isso. Quando Deus se refere a Israel, é Israel que se deve entender e não a Igreja. Quando os judeus são mencionados, Deus refere-se literal-mente aos judeus e não aos cristãos.

Ao mesmo tempo, nós, os cristãos, temos chegado ao lugar do qual Sião é um tipo e, com este pensamento em mente, peço-lhe que olhe comigo as sete passagens mencionadas por Joel a respeito de Sião:

1) “TOCAI A TROMBETA EM SIÃO”

A primeira coisa é que de Sião é dado o som de alarme. O efeito disso, em dias futuros, é descrito em 2.11. A calamidade sob a qual o povo estava sofrendo é reconhecida como vinda da parte de Deus; o exército devastador está apenas executando a Sua palavra. Então segue a proclamação das boas novas de Deus, chamando para o jejum e arrependimento.

Agora veja como isto se aplica quando pensamos de Sião como sendo um tipo de Cristo. NEle nós temos uma perfeita expressão da graça e da bondade de Deus e o primeiro efeito disto em nossas almas é que nos faz prostrar-nos em verdadeiro arrependimento. Um alarme é soado; reconhecemos nossa condição de perdidos e nos prostramos aos Seus pés. É uma grande graça o fato de reconhecermos o nosso estado de miséria perante a luz do Cristo ressuscitado e é na presença da infinita graça que aprendemos isto.

Do contrário, fazemos como Judas Iscariotes; ficamos cheios de remorso, ao descobrir nosso estado e, com amargura de coração, voltamos, como ele fez, para a escuridão e eterna separação de Deus.

Não podemos nós, também, ser gratos porque é de Sião que o alarme foi soado? Isto é, a luz que nos iluminou e nos prostrou (como no caso do apóstolo Paulo, no caminho de Damasco) é a luz da graça de Deus em Cristo ressuscitado.

2) “CONGREGAI O POVO”

2.15-21

“Tocai a trombeta em Sião, promulgai um santo jejum, proclamai uma assembleia solene.

“Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, reuni os filhinhos e os que mamam...”

“Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o pórtico e o altar, e orem. Poupa o Teu povo, ó Senhor, e não entregues a Tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárnio dele...”

“Então o Senhor se mostrou zeloso da Sua terra, compadeceu-se do Seu povo...”

“Não temas, ó terra, regozija-te e alegra-te; porque o Senhor faz grandes coisas”.

Outra vez a trombeta deve soar em Sião; desta vez não para dar um alarme, mas para congregar o povo, para aprender como Deus deseja intervir neles. Mesmo que eles tenham pecado e sofrido muito, contudo eles são o Seu povo, Sua herança, Sua terra, e Ele sente ciúmes por eles. O inimigo fez grandes coisas; foi Deus quem o permitiu; mas agora Ele quer mostrar que está ao lado do Seu povo e a promessa é: *“O Senhor faz grandes coisas”* (2.21). As grandes coisas que

o Senhor ia fazer por eles ultrapassam em muito as coisas que os assírios lhes fizeram.

Mais uma vez, lembremo-nos de que nós já temos chegado ao Monte Sião. Em Cristo, Deus tem realizado um grande feito para os homens e nEle aprendemos a preciosa verdade que *“Deus é por nós”* (Romanos 8.31). O poder do inimigo é extremamente grande, mas quem poderá nos tocar se Deus estiver ao nosso lado?

E tem mais. Começamos a perceber que o juízo de Deus é contra nós e também a Sua justiça, por causa do nosso pecado. Então vemos Cristo submetendo-Se àquele julgamento que O levou ao castigo por nós. Agora, Deus mesmo é a nossa justiça.

Não é meramente que em Cristo temos uma solução completa da questão que há entre Deus e nós, mas que a questão existente entre Deus e o inimigo foi resolvida pela completa destruição deste último e, com isso, Deus tem assegurado o direito de vir a nosso favor como nosso Liber-tador, como *“Aquele que é por nós”*. Vemos isso, mais claramente, no Cristo ressurreto, o verdadeiro Monte Sião.

3) FILHOS DE SIÃO

2.23-31

“Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-vos no Senhor vosso Deus...”

“E acontecerá depois que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne...”

“Mostrarei prodígios no céu e na terra: san-gue, fogo e colunas de fumo...”

“O sol se converterá em trevas e a luz em san-gue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor”.

O povo agora é identificado, na mente de Deus, com Sião e dirige-se a Ele como *“filhos de Sião”*. Os sofrimentos e as tristezas são coisas do passado e a alegria e o gozo enchem o seu cálice até transbordar. *“Comereis abundantemente e vos fartareis, e louvareis o Nome do Senhor vosso Deus, que Se houve maravilhosamente convosco e o Meu povo jamais será envergonhado. Sabereis que estou no meio de Israel e que Eu sou o Senhor vosso Deus”* (2.26, 27).

Então vem a promessa do dom do Espírito. Então lemos que os *“sinais”* descritos no verso 30 virão **antes** de vir o grande e terrível dia do Senhor. Mas, **após** isso, diz Ele, *“derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne”*. Deus estará apto para morar com bondade entre o Seu povo e mostrar o Seu prazer neles, como filhos de Sião, por derramar o Seu Espírito sobre eles.

E nós, os crentes, já temos chegado a tudo isso (Hebreus 12.22). Depois de termos aprendido que Deus é por nós, aprendemos que agora estamos novamente diante dEle, identificados com Cristo ressurreto, como *“filhos de Sião”*. Fomos feitos companheiros de Cristo e fazemos parte da unção dEle, tendo recebido o dom do Espírito. Ele sempre conserva o Seu lugar de proeminência (como os nossos corações se alegram com isso), mas nós, também, tendo do Seu Espírito, nos tornamos aptos para entrar no gozo da nova posição, na qual fomos trazidos, como havendo *“chegado ao Monte Sião”*, como companheiros do Cristo vivo.

4) O CHAMADO DE DEUS

2.32

“E acontecerá que todo aquele que invocar o Nome do Senhor será salvo; porque no Monte Sião e em Jerusalém estarão os que forem salvos, assim como o Senhor prometeu, e entre os sobreviventes aqueles que o Senhor chamar”.

Aqui encontramos que a salvação ou livramento para Israel será em Sião, nos últimos dias, e isso, conforme o “chamamento de Deus”, será feito apenas para um restante. O chamado será para todos: *“todo aquele que invocar o Nome do Senhor”*, mas isso será efetuado apenas àqueles a quem o Senhor chamar. Ele chama um restante (sobreviventes) e este é que receberá o benefício do livramento que está em Sião.

Mais uma vez quero citar a passagem de Hebreus que tenho usado como chave destas profecias: *“Mas nós temos chegado ao Monte Sião”* (12.22). Em Cristo nós temos chegado a este Monte, Aquele em quem o chamado de Deus se torna efetivo e no qual obtemos o livramento. Nele a responsabilidade do homem com relação às bênçãos desaparece e a estabelece no chamado de Deus (veja-se 2 Timóteo 1.9). É sabido que os propósitos e a graça de Deus nos são dados em Cristo desde antes da Criação do mundo. E é de acordo com isto (e de maneira nenhuma conforme as nossas obras) que temos a Sua salvação e o Seu santo chamado.

Ao falar em salvação, não devemos nos limitar a pensar só em sermos isentos de irmos para o inferno. Mas, sim, à salvação de toda espécie de poder que o inimigo possa trazer contra nós. Aqueles que são salvos são os que foram alvo do soberano chamado de Deus e que são ligados, conforme os Seus propósitos, com Sião, isto é, com o Cristo ressuscitado.

5) O JULGAMENTO DAS NAÇÕES

3.1-16

“Eis que naqueles dias, e naquele tempo, em que mudarei a sorte de Judá e de Jerusalém...”

“Levantem-se as nações e sigam para o vale de Josafá, porque ali Me assentarei para julgar todas as nações em redor...”

“Multidões, multidões no vale da decisão! porque o dia do Senhor está perto, no vale da decisão...”

“O Senhor brama de Sião e Se fará ouvir de Jerusalém, e os céus e a terra tremerão; mas o Senhor será o refúgio do Seu povo e a fortaleza dos filhos de Israel”.

Neste último capítulo, o profeta olha para o tempo da completa bênção e glória. Mas, primeiramente, nos mostra como o mundo será preparado para isso, pelo vasto julgamento de Deus sobre as nações. E Sião é o lugar de onde partirá o juízo. As nações serão reunidas no vale de Josafá (Jeová-julga). Elas serão vistas em multidões no vale da decisão. *“O Senhor brama de Sião... e os céus e a terra tremerão”.*

Mas para o Seu povo, Ele tem coisa muito diferente já reservada. Ele é a sua esperança e o seu refúgio e fortaleza, naquele dia. É muito solene saber que o Senhor não é somente a fonte de bênçãos, mas, também, o Executor de todo o julgamento.

As nações culpadas encontrarão a sua sentença nas mãos de um Homem, não da sua escolha, mas da escolha de Deus. Assim como Ele é o que sustenta o Universo para Deus e supre o que Lhe é agradável, assim também é Ele que remove tudo o que Lhe é contrário. E isto envolve o juízo. É, portanto, necessário, para que as bênçãos centralizadas em Cristo sejam derramadas sobre a terra, que tudo o que obstrua o Seu caminho seja primeiro removido. E Cristo, o Todo-Poderoso, cingirá a Sua espada e varrerá do Seu reino tudo o que Lhe ofenda.

Mas *“nós temos chegado ao Monte Sião”.* O mundo, para nós, já é coisa julgada. Em Cristo ressurreto nós temos chegado às bênçãos com as quais o mundo será cheio, enquanto lá fora todo o mundo ainda permanece sob o juízo de Deus. Assim é como vemos as coisas do ponto de vista do Cristo ressurreto. É de Paulo a visão quando disse: *“O mundo está crucificado para mim”.*

Se um crente anda com o mundo, é evi-dente que ele não é dirigido por esta verdade. Mas Sião é uma grande realidade e envolve o desaparecimento, sob o julgamento, de todo o sistema mundial. Como é bom estar apto para dizer que para nós “ele já foi para sempre”. Ele nunca mais nos poderá prender pelo seu poder, pois o seu verdadeiro caráter já foi exposto quando da rejeição de Cristo.

Em tempo de guerra, um porto naval bem equipado é o “lugar seguro” para os navios que tomam parte nela. Porém, deste mesmo lugar, partem os engenhos de destruição contra os inimigos da frota. É

como diz o verso 16 do capítulo 3. Em Cristo ressurreto há segurança, um lugar de refúgio para o povo; e dEle, também, parte a destruição contra todos os que têm trazido confusão e prejuízo para o mundo.

6) O MONTE SANTO DE DEUS

3.17

“Sabereis, assim, que Eu sou o Senhor vosso Deus, que habito em Sião, Meu Santo Monte; e Jerusalém será santa; estranhos não passarão mais por ela”.

Aqui encontramos uma coisa muito importante. O Senhor não só estabelecerá a bênção em Sião, mas Ele mesmo habitará lá. Ele tomará exclusiva possessão; nenhum pé estranho manchará de novo o monte santo.

A isto nós também já chegamos, pois no Senhor vivo temos sido trazidos ao lugar da habitação de Deus. Não só encontramos Deus completamente revelado para as bênçãos do Seu povo, mas que Ele está satisfeito em habitar no seu meio em infinito descanso e satisfação. Deus não poderia habitar em um ambiente onde houvesse coisas contrárias a Cristo. Mas onde a excelência e a fragrância de Cristo permanecem em toda a atmosfera, onde tudo é dEle, Deus pode habitar em indescritível deleite.

Como filhos de Adão, não há nada em nós em que Deus possa Se agradar. Mas, em Cristo, Deus pode encontrar perfeita satisfação em nós. Como pode ser isto? *“Se alguém está em Cristo, é uma nova criação”* e, visto desta maneira, não há nada em nós ou de nós, mas o que é de Cristo.

E, numa casa onde cada pedra é parte de Cristo, onde nada é visível senão Cristo, onde a Sua fragrância ocupa cada parte, o Deus bendito habita, Ele faz Sua habitação lá com inefável deleite.

O resultado prático em nós será a santidade. Quando Deus habitar em Sião, Jerusalém será santa. Isto envolve a nossa exclusiva possessão de Deus, assim que “nenhum estranho” tem parte alguma em nós.

7) O SENHOR HABITA EM SIÃO

3.21

“Eu expiarei o sangue dos que não foram expiados; porque o Senhor habitará em Sião”.

Aqui aparece novamente o fato que temos estado considerando, mas, neste caso, fala do grande **alvo** que Deus tem em vista. Lendo o verso 17, apenas, dá a entender que a santidade foi o fim ou o alvo e

que a habitação de Deus em Sião foi apenas o meio pelo qual esse fim possa ser assegurado.

Mas não é só isso. Santidade em si mesma não é um fim ou objetivo. Digo isto porque há muitos crentes, hoje, que parecem fazer da santidade o seu alvo. Creio que há uma noção errada sobre o que é, realmente, a santidade, conforme o pensamento de Deus. Na realidade, na maneira como eles a encaram, e de uma forma muito sutil, fazem da santidade uma coisa como se fosse sua. Quão temerosa e insidiosa é esta ideia, **de si mesmo**. O que poderia parecer melhor do que aspirar uma vida santa e uma experiência de contínuo gozo? Mas como aquele feio “Eu” se mostra em conexão com um desejo desta natureza! Quão belo seria se o “Eu” pudesse ser santo e bom e se o “Eu” pudesse ter esta bela experiência! Não quero ser cruel, mas não conheço outra pessoa ocupada consigo mesma e complacente consigo mesma do que aquela que imagina que já alcançou este estado e goza desta experiência.

O grande alvo **de Deus**, no entanto, é que **Ele** possa morar em nós. Com isto, sim, poderá haver santidade, certamente. Mas a santidade em si mesma não é o objetivo. Se tivermos algum alvo diante de nossas almas, fora do alvo de Deus, estaremos perdidos.

Quão bom ter diante de nós o objetivo de Deus, isto é, que Ele Se agrada de acercar-Se de um universo cheio de Cristo, cada parte com a fragrância **dEle** e ali morar.

Isto acontecerá num dia bem próximo (nunca tão próximo como agora, graças a Deus), mas isto já está estabelecido em Cristo e nós temos chegado a isto pela fé e, por esta mesma fé, podemos gozar dessa glória, agora mesmo, em alguma medida.

Resumo de Joel:

Geralmente considera-se que Joel profetizou em Judá desde o reinado de Joás até o reinado de Acáz. Isto significa que foi o primeiro dos profetas que escreveram suas profecias.

Descreveu uma terrível praga de gafanhotos que dizimou toda a terra e, com este vívido quadro, procurou em vão chamar o povo ao arrependimento antes de Deus permitir que seus inimigos invadissem a nação.

No entanto, esta profecia terá um cumprimento total no Dia do Senhor: um tempo de juízo precedido por sinais e maravilhas terríveis, mas seguido da bênção divina.

Joel predisse o derramamento do Espírito sobre toda a carne (2.28). No dia de Pentecostes, em Atos 2, foi apenas uma antecipação disto, mas terá seu cumprimento cabal no tempo da restauração de Israel.



AMÓS

1.1-2.6

“Palavras que, em visão, vieram a Amós que era entre os pastores de Tecoa, a respeito de Israel, nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto...”

“Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Damasco... de Gaza... de Tiro... de Edom... de Amon... de Moabe... de Judá... e de Israel, e por quatro, não sustarei o castigo”.

3.1,2

“Ouvi a palavra que o Senhor fala contra vós outros, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra somente a vós outros Eu escolhi, portanto Eu vos punirei por todas as vossas iniquidades”.

3.7

“Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas”.

A profecia de Amós pertence ao período quando os reinos de Israel e de Judá estavam no apogeu da sua glória. Ilustres monarcas ocupavam os seus respectivos tronos e durante os longos reinados de 41 e 52 anos asseguravam um estado de prosperidade para os seus países; apogeu esse não experimentado desde os tempos de Salomão.

Certamente, a prosperidade mundana é sempre o caminho para o pior. Sobre isto, lembramo-nos da menção feita pelo profeta a respeito do grande terremoto (ver Zacarias 14.5). Talvez nada melhor para fazer os homens perceberem a fragilidade dos seus feitos do que o abalo daquilo sobre que estão confiando.

Porém os homens sempre são vagarosos para aprenderem a lição. Que são os planos políticos de hoje, os pactos feitos nas mesas de conferência, os esque-mas de reforma e de progresso, senão o trabalho de construtores firmados numa estrutura que pode ser facilmente sacudida e feita em pedaços num instante?

Em contraste com isto, nós, os crentes, recebemos *“um reino que não pode ser abalado”* (Hebreus 12.28). Temos sido trazidos para aquilo que é eternamente estável e longe de toda a possibilidade de mudar ou de cair. A menos que nossas almas estejam realmente estabelecidas e firmadas nesta verdade, não poderemos servir a Deus de modo aceitável porque nossas ideias e esperanças serão facilmente apegadas às coisas da terra e fáceis de serem abaladas. Se, entretanto, fizermos nossa casa, pela fé, nas coisas que não podem ser abaladas, *“nos tornaremos seguros e irremovíveis, abundantes na obra do Senhor”* (1 Coríntios 15.58).

Amós, um homem de Judá (habitante de Tecoá), preocupou-se na maior parte de sua profecia com o reino do Norte de Israel. A cisão entre as duas tribos e as dez ainda existia, mas o profeta, dirigido pelo Espírito de Deus, não confinou o seu testemunho às tribos a que estava diretamente ligado. Sua mensagem é dirigida a *“toda a família”* que Deus fez subir da terra do Egito (3.1) Aqui não há nenhum vestígio de egoísmo, que considera uns e despreza outros. A despeito das divisões e dissensões havidas, dos dias apostólicos até hoje, a Igreja de Deus é **uma só** aos olhos de Deus. Há um corpo, um rebanho, *“uma família de fé”* a que estamos servindo. No entanto, nossa esfera de serviço e de testemunho é ainda maior, pois somos exortados a *“fazer bem a todos os homens”* e ir a *“todo o mundo”* com as boas novas e a ter *“todos os homens”* em mente em nossas orações. Desta maneira o caráter do Deus bendito é conhecido, pois Ele deseja a salvação de todos os homens (1 Timóteo 2.4).

Ainda que Amós tenha tido em vista *“a família toda”*, contudo os seus avisos são dirigidos especialmente para a Casa de Israel. Alguém pode perguntar: *“Por que, então, a sua profecia começa com a sentença contra as seis nações gentílicas?”* Por uma simples razão. Deus havia dito a Israel que *“o povo devia habitar só e não seria contado entre as nações”* (Números 23.9).

Contudo, Amós apresenta-nos uma lista de oito nações na qual Judá e Israel são incluídas e acusadas com a mesma sentença. Elas perderam toda a consideração de Deus, devido aos seus pecados. Por isso, estavam na mesma situação que Damasco, Filístia e Moabe e são mencionadas ao lado destes povos idólatras para que pudessem cair em si e lembrar-se do seu lugar peculiar no favor de Deus.

Todo privilégio acarreta especial responsabilidade. Este princípio está bem patente nesta profecia. *“De todas as famílias da terra somente a vós outros vos escolhi; portanto, Eu vos punirei por todas as vossas iniquidades”* (3.2). Quanto mais próximo o parentesco, tanto mais sério o pecado e mais severo o castigo!

Outro grande princípio apresentado no capítulo 3 é que quando Deus se propõe a fazer alguma coisa o faz saber aos Seus servos. Isso é verdade tanto na bênção quanto no juízo. Seus propósitos secretos são todos revelados aos Seus servos. Eles são honrados com as Suas confidências e são participantes dos Seus segredos. Acontece o mesmo com os crentes. Deus tem prazer em nos permitir penetrar nos maravilhosos segredos da Sua mente, para o nosso presente gozo e isto serve de motivo para darmos o nosso testemunho perante milhões de almas ao nosso redor.

O PASTOR—LIBERTADOR

3.12

“Assim diz o Senhor: Como o pastor livra da boca do leão as duas pernas, ou um pedacinho da orelha, assim serão salvados os filhos de Is-rael que habitam em Samaria com apenas o canto da cama e parte do leito”.

5.3-14

“Porque assim diz o Senhor Deus: A cidade da qual saem mil conservará cem e aquela da qual saem cem conservará dez à casa de Israel...”

“Portanto, o que for prudente guardará então silêncio, porque é tempo mau. Buscai o bem e não o mal, para que vivais; e assim o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco, como di-zeis”.

Julgamento e não bênçãos é o tema principal de Amós, na primeira parte da sua profecia. O fato do juízo estar sendo pronunciado sobre as nações ímpias é o motivo de ele se referir a Um que poderia livrar o remanescente de Israel. Aqui, naturalmente, vamos traçar os passos dAquele que é o objeto de nosso estudo. Ele aparece diante de nós como o Pastor-Libertador.

A nação, como um todo, seria dada como presa ao adversário, mas um punhado escaparia. O Pastor de Israel libertaria *“um pedaço de uma orelha”* da boca do leão e, em conexão com este remanescente, as bênçãos de Deus seriam cumpridas. Não haveria este pequeno remanescente se não fosse a graça e o poder libertador do Pastor. Quando forem restaurados à sua própria terra e abençoados com as bênçãos de Deus, então confessarão tudo o que fizeram a Ele. Eles estiveram na boca do leão e, enquanto multidões pereceram, uma parte deles foi salva. Foi CRISTO que fez isto. A Ele seja toda a glória e toda a honra.

No capítulo 5, este remanescente de Israel se torna ainda mais evidente, pois apenas um pouco do todo *“de mil conservará cem e de cem conservará dez à casa de Israel”* (v. 3; comparar com Isaías 6.13).

Estes serão caracterizados pela prudência ou sabedoria no “tempo mau” (verso 13). O poder de opressão sela os seus lábios, mas em seus corações eles odeiam o mal e amam o bem e, assim, experimentarão as bênçãos do Deus dos Exércitos. Então viverão na Sua presença!

O GRANDE INTERCESSOR

7.2-10

“Tendo eles comido de toda a erva da terra, disse eu: Senhor Deus, perdoa, rogo-Te; como subsistirá Jacó? pois ele é pequeno.

“Então disse eu: Senhor Deus, cessa agora; como subsistirá Jacó? pois ele é pequeno...

“Então Amazias, o sacerdote de Betel, mandou dizer a Jeroboão, rei de Israel: Amós tem conspirado contra ti, no meio da casa de Israel; a terra não pode sofrer todas as suas palavras”.

8.10

“Porei pano de saco sobre todos os lombos e calva sobre toda cabeça; e farei que isso seja como luto por filho único”.

No capítulo 7, Amós mesmo se torna uma figura de Cristo, como o grande Intercessor. O nome Amós significa “fardo” e, desta maneira, ele carregou o fardo dos pecados de Israel, tomando-o sobre si, prefigurando, assim, Aquele que fez o mesmo numa maneira mais profunda.

O profeta, conhecendo as falhas e fraquezas do seu povo, suplica a Deus em seu favor. A sua oração é eficaz, mas o seu serviço e o seu testemunho foram rejeitados pelos homens e o sacerdote Amazias procura o auxílio do rei para livrar a terra da sua presença (v. 7, 10).

Amós não era um profeta, oficialmente, mas um simples boieiro; contudo, Deus era com ele. Portanto, aqueles que o rejeitaram, estavam lutando contra Deus.

Tudo isto nos fala, eloquentemente, aos nos-sos corações, a respeito de Cristo. Como Amós, Ele também não foi formado na “escola de profetas”. Vindo de nascimento humilde, Ele era um mensageiro de Deus para Israel. Ele carregou no Seu coração o fardo do pecado do Seu povo. Ele também foi considerado nada por eles, desprezado por causa do Seu nascimento humilde, um mero “filho de carpinteiro”, aos seus olhos.

O sacerdote Caifás e o rei Herodes conspiraram para que Ele fosse banido da sua presença e a cruz foi o Seu prêmio!

Ele ainda não livrou Israel para sempre, mas naquele dia eles provarão o Seu eficaz poder intercessor. Naquele dia eles atribuirão a Ele o seu gozo e as suas bênçãos. Mas o primeiro resultado do poder intercessor de Cristo por Israel não será o gozo e a glória, mas será um

completo arrependimento. A consciência será despertada e descobrirão que Aquele que eles crucificaram, como um impostor, era o seu Messias e Libertador.

A cena entre José e seus irmãos arrependidos será representada em maior escala. Pano de saco estará sobre os seus ombros e calva sobre toda cabeça quando eles se lamentarem *“como por um único filho”*.

Lembramo-nos, assim, de Cristo como

A ESPERANÇA DE ISRAEL

Aquele a Quem Israel deveria voltar, por fim, em verdadeiro arrependimento. Que momento ditoso será aquele para Ele. O Seu amor para com a nação escolhida não será como cera fria, pelo contrário, com infinito gozo Ele os receberá em Seus braços.

Haveremos de ficar tristes na contemplação deste fato, por não sermos incluídos diretamente nisto? Não pense assim. O coração que ama a Cristo deve alegrar-se pelo fato de que Ele é glorificado nisto e por saber que, com olhos rasos de água, Israel tornará, afinal, ao seu Senhor outrora rejeitado!

O HOMEM SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS

9.9-15

“Sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, assim como se sacode trigo no crivo, sem que caia na terra um só grão...”

“Naquele dia levantarei o tabernáculo caído de Davi, repararei as suas brechas e, levantando-o das suas ruínas, restaurá-lo-ei como fora nos dias da antiguidade; para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo Meu Nome, diz o Senhor, que faz estas coisas...”

“Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que o que lava segue logo ao que ceifa e o que pisa as uvas ao que lança a semente...”

“Mudarei a sorte do Meu povo Israel... Plantá-los-ei e, dessa terra que lhes dei, já não serão arrancados, diz o Senhor teu Deus”.

Todas as nações entrarão em juízo, *“todos eles”* e *“até ao último deles”* (9.1). Somente os eleitos pela graça serão preservados e destes *“nenhum grão perecerá”*. No meio destes *“o tabernáculo de Davi”* será reedificado. O estado de coisas então existente sob os reis Uzias e Jeroboão II terá findado e Deus reverterá a Davi o reino e lhe assegurará a permanência nele, Aquele que é segundo o coração de Deus.

Também aqui os nossos pensamentos são levados a CRISTO, o verdadeiro Davi, como o Homem segundo o coração de Deus. Desde o princípio Deus tem feito a escolha sobre Ele. Tudo aqui tende a decair e todo homem tem contribuído para a ruína.

Mas quando chegar o tempo determinado, então aquilo que Deus tem proposto será estabelecido por meio de Cristo. Ninguém mais poderá efetuá-lo. Naquele dia até o gentio participará da bênção. Quanto a Israel, eles serão plantados na sua terra para nunca mais serem desarraigados. Então o lavrador apanhará a sua segadeira e haverá plena fartura.

O pivô sobre o qual tudo gira é CRISTO. Como já vimos, Ele nos é mostrado por Amós:

1) Como o Pastor de Israel, resgatando um remanescente da boca do leão.

2) Como o Intercessor de Israel, buscando a Deus para eles, para que todos os eventos se cumpram integralmente.

3) Como Aquele a Quem Israel tanto aspira e a Quem tornarão de coração.

4) Como o verdadeiro Davi, que trará novamente ao estado de bênção e de paz, o qual Deus tem proposto desde o princípio para o Seu povo.

Em tudo isto o *Cristianismo* não entra. Mas há preciosas lições que os crentes devem aprender e que é alimento para nossas almas, na contemplação de Cristo, seja em conexão com Israel ou conosco mesmos.

Resumo de Amós :

Este pastor de Tecoa foi profeta de Israel durante o reinado de Jeroboão II. Foi enviado a pregar em Betel, onde Jeroboão I, primeiro rei de Israel, tinha levantado um bezerro de ouro como objeto de adoração.

Enquanto Amós limitava seu ministério a anunciar o juízo divino sobre Damasco, Gaza, Tiro, Edom, Amon e Moabe, era bem recebido, mas quando se voltou para Israel e Judá e lhes falou de um castigo maior por terem privilégios maiores, então encontrou oposição.

Por meio de uma série de visões, mostrou a iminência e a certeza do castigo de Deus sobre Israel.

No entanto, o Senhor ainda salvaria um remanescente da nação e, com o tempo, Israel seria salvo e convertido.



OBADIAS

Versículos 1, 3, 4, 7

“Visão de Obadias: Assim diz o Senhor Deus a respeito de Edom... A soberba do teu coração te enganou, ó tu que habitas nas fendas das rochas, na tua alta morada, e dizes no teu coração: Quem me deitará por terra?”

“Se te remontares como águia e puseres o teu ninho entre as estrelas, de lá te derrubarei, diz o Senhor... Todos os teus aliados te levaram para fora dos teus limites; os que gozam da tua paz te enganaram, prevaleceram contra ti”.

O que nos induz a uma apresentação especial de Cristo na profecia de Obadias é o fato de Deus ter derramado o Seu juízo sobre Edom. Jeremias já havia anunciado isto no seu capítulo 49, o que coincide com os seis primeiros versículos de Obadias.

Edom, com todo o seu orgulho, seria abatido. Ainda que exaltado como a águia e habitando entre as estrelas, Deus mesmo rebaixaria aquela jactanciosa nação. Ele destruiria os seus sábios e reduziria a átomos os seus aliados, em quem esperavam assegurar a sua proeminência e permanência na terra.

Tudo isto tem sido antecipado por Jeremias e agora é reiterado e enfatizado por Obadias. Será que esta mensagem não encontrará eco nos nossos dias? Afinal, Edom nada mais é do que um modelo do que é o mundo hoje, como um bloco de carvão que, tirado ao acaso da mina, mostra a qualidade de tudo o que lá existe. O orgulho humano tem atingido um nível mais alto do que neste século vinte? As confederações têm sido mais frequentes do que hoje? Pense, por um momento, no mundo que nos rodeia, na marcha avançada da civilização, nas realizações da ciência, na expansão do conhecimento. Como os homens se vangloriam de tudo isto! Na verdade, eles dizem em seus corações: *“Quem me derrubará ao chão?”*

Não se exaltam eles como a águia e fazem os seus ninhos nas estrelas? Considere, também, como o princípio de confederações é enfatizado hoje no mundo. As nações se unem por meio de pactos e de

ligas. No mundo industrial, então, há trustes, combinações, uniões e associações. Há sociedades para isto e aquilo.

Tudo isto teve seu germe entre os edomitas. Eles tinham os seus sábios, seus guerreiros valentes e cidades fortificadas. Eles adotaram o princípio de confederação e aliaram-se entre si com outras nações a fim de fazerem causa comum contra Deus e o Seu povo.

Não há dúvida de que a profecia olha para os últimos dias em que Edom reaparecerá e terá lugar de liderança na confederação das nações, as quais, em aliança com a Assíria ressurgida, se levantará contra Jerusalém.

Algumas das nações que formam esta aliança hostil são mencionadas no Salmo 83 e Edom aparece em primeiro lugar na lista (Salmo 83. 1-8). *“Eles dizem: Vinde, risquemo-los de entre as nações e não haja mais memória do no-me de Israel. Pois tramam concordemente e firmam aliança contra ti, as tendas de Edom e os ismaelitas...”*

Versículos 10-14

“Por causa da violência feita a teu irmão Jacó, cobrir-te-á a vergonha e serás exterminado para sempre. No dia em que, estando tu presente... e estrangeiros lhe entraram pelas portas e deitaram sortes sobre Jerusalém, tu mesmo eras um deles... não devias ter olhado com prazer para o seu mal, no dia da sua calamidade... não devias ter parado nas encruzilhadas para exterminares os que escapassem, nem entregue os que lhe restassem no dia da angústia”.

Aqui Obadias salienta um outro traço que marcou Edom e isto nos leva à prefigura de Cris-to, como veremos. Este traço, já focalizado pelo salmista no Salmo 83, foi o ódio rancoroso contra o povo de Deus. *“A violência feita a teu irmão Jacó”* é declarada para ser a razão principal pela qual Edom seria coberto de vergonha e eliminado para sempre. Um remanescente do Egito, a Assíria e outras nações serão poupados para desfrutar das bênçãos da supremacia de Cristo, mas da casa de Edom (ou Esaú) *“ninguém mais restará”* (verso 18).

Devemos nos lembrar de que Edom ou Esaú foi irmão de Jacó. Por esta razão, os edomitas foram tratados antigamente com especial regalia pelos israelitas e tiveram certos privilégios em conexão com a *“congregação de Jeová”*, os quais não estavam de acordo com os outros gentios. *“Não aborrecerás o idumeu, pois é teu irmão”, “os filhos que lhes nasceram na ter-ceira geração, cada um deles entrará na assem-bleia do Senhor”* (Deuteronômio 23.7-8).

Mas, desde o princípio, Edom tem sido um espinho e malquerência contra Israel, tanto nacional como individualmente. Quando os israelitas pediram permissão para atravessar pela terra de Edom, a fim de atingir Canaã, essa permissão foi peremptoriamente recusada.

Moisés enviou uma mensagem conciliatória, comprometendo-se a não causar estragos aos campos e vinhas e a pagar até a água que o seu povo bebesse. Mas *“Edom recusou dar passagem a Israel pelo seu país”*, mostrando-se, desde aquela data, ser um inimigo implacável de Israel (Números 20.14-21).

Outro exemplo deste ódio perpétuo é visto na conduta de Doeg, um edomita a serviço de Saul. Davi, o ungido do Senhor, ainda não havia chegado ao trono. Perseguido e ameaçado por Saul, fugiu para o sacerdote Abimeleque, o qual tratou-o bondosamente e o alimentou. Mas o traidor edomita testemunhou a transação e não perdeu tempo em informar Saul, fazendo com que oitenta e cinco homens da família do sacerdote fossem mortos!

“Bem sabia”, clamou Davi, quando soube daquele feito cruel, “bem sabia eu naquele dia que, estando ali Doegue, o idumeu, não deixaria de o dizer a Saul” (1 Samuel 22.22).

Obadias menciona, ainda, outro exemplo de ódio por parte de Edom contra o seu irmão. Ele se refere ao dia da captura de Jerusalém, quando os filhos de Judá foram levados cativos para Babilônia. *“No dia em que, estando tu presente, estranhos lhe levaram os bens e estrangeiros lhe entraram pelas portas e deitaram sortes sobre Jerusalém, tu mesmo eras um deles”* (verso 11.)

Em seguida vem uma terrível exposição da conduta dos edomitas. Eles se regozijaram com a queda dos filhos de Judá e lançaram mão dos seus bens e pararam nas encruzilhadas para exterminarem os que escapavam (w. 13-14).

É em conexão com esta solene acusação feita entre as linhas desta profecia de Obadias que vemos as pegadas de Cristo. Vimos, no estudo de Oseias, como Cristo tomou o lugar do verdadeiro Israel diante de Deus. Ele foi o Filho chamado para o Egito. E, em graça, Ele Se identificou com o remanescente que temeu a Deus, levando sobre Si as suas tristezas, sentindo a agudeza dos seus pecados, sofrendo por causa das suas transgressões e suportando o fardo que tanto pesava sobre eles.

Isto é um pouco diferente do que Ele fez como oferta de *expição*. Ele fez, sim, *expição* por Israel, assim como fez por nós. Mas não é isto que vemos em Obadias.

Lembramo-nos de como, num certo sentido (numa maneira que nos cativou) Ele tomou sobre Si mesmo as aflições e opressões sob as quais o Seu povo gemia, sofrendo aquela agonia cruel.

Assim, comparando Obadias com Lucas 23, não temos nenhuma dificuldade em ver Cristo retratado na narrativa dos sofrimentos do Seu povo nas mãos dos edomitas. Herodes foi um monarca cruel, de sangue

edomita (ele era Idumeu), cujo ódio ardia contra Aquele que tinha vindo em graça, como o Libertador do Seu povo.

Na hora do Seu nascimento, o edomita (Herodes) quis matá-lo. E quando a cena final estava para se apagar, tão rápida para atingir a sua culminância no Calvário, o edomita esteve ali para agravar ainda mais os sofrimentos dAquele Santo!

Edom, conforme Obadias, se tornou um com os opressores gentios. Assim, lemos que Herodes e Pilatos, um edomita e um romano, fizeram-se amigos no seu tratamento com Cristo.

Edom *“se alegrou nos filhos de Judá”* e *“falou, de boca cheia, no dia da sua ruína”* (verso 12). E Herodes, quando viu Jesus *“sobremaneira se alegrou”* (Lucas 23.8) e, juntamente com os da sua guarda, *“tratou-O com desprezo, escarne-cendo dEle”* (Lucas 23.11).

Edom parou na porta de Jerusalém no dia da aflição de Judá para comemorar a sua calamidade. Também, numa maneira significativa, Herodes, o edomita, *“estando naqueles dias em Jerusalém”* (Lucas 23.7), estava lá no dia da aflição de Cristo.

Ali estava ele em cena, para acrescentar amargura e sofrimento no cálice já cheio do Santo Sofredor.

E, o pior de tudo, Edom *“entregou os que lhe restou”*. E o evangelista narra, falando de Jesus, que Herodes *“O devolveu a Pilatos”*. Aí se vê, perfeitamente, a malícia do edomita!

Mas, nos últimos dias, quando Edom e as nações confederadas vierem contra o povo eleito, como é confortante saber que aqueles que são de Deus têm a simpatia e o auxílio dEle, dAquele que levou sobre Si mesmo o amargor do ódio do edomita. Eles O terão como o auxílio e o alívio das tribulações e Ele, que sabe tão bem o que cada fase das Suas tribulações significa, levando Ele mesmo, sobre Si, toda a carga, estará apto, numa maneira tão maravilhosa a lhes dar força e alívio.

Versículo 15

“Porque o dia do Senhor está prestes a vir sobre todas as nações; como tu fizeste, assim se fará contigo”.

Contudo, não só Edom, mas todas as nações são culpadas de inimizade contra Cristo. Todos têm investido contra Ele, seja pessoalmente, nos dias da Sua carne, seja como representados por Israel.

Todas as nações, portanto, estão vi-sadas para juízo, não apenas pelos seus pecados, mas também por causa da maneira que agiram contra Cristo — Cristo em Seus irmãos judeus. A totalidade do grande sistema mundial estará debaixo do juízo de Deus, com todo o seu orgulho, suas confederações e seu ódio contra Cristo.

Versículos 17, 21

“Mas no monte de Sião haverá livramento; o monte será santo... Salvadores hão de subir no monte Sião, para julgarem o monte de Esaú e o reino será do Senhor”.

Há salvação e bênçãos em abundância para a Casa de Jacó e Deus tornará isso evidente na-quele dia, quando tudo será ligado com o Monte Sião.

Ao mesmo tempo, a lei será estabelecida sobre o mundo e isso também em conexão com a montanha do prazer de Deus. *“Salvadores hão de subir no monte Sião para julgarem [isto é, governarem] o monte de Esaú”.*

O Monte Sião se nos apresenta como o grande princípio da soberana graça, sobre a qual Deus agirá com bênçãos para a terra, quando aquele dia chegar. O Monte Sião é o lugar sobre o qual Deus lançou a Sua escolha (Salmo 132.13), quando todas as coisas confiadas às mãos dos homens falharem. Isto nos fala de Cristo ressurreto dos mortos, o Único sobre Quem todos os propósitos de bênçãos de Deus são efetivados para os homens. E nós, os crentes, já temos chegado lá (conforme diz em Hebreus 12.22) e já usufruímos os benefícios de duas coisas em conexão com o Monte Sião, em Obadias: livramento e governo!

Livramento do poder do mundo e das coisas terrenas é desfrutado quando a alma está firmada nAquele que é tipificado por Sião. Isto é realizado quando, conscientemente, nos firma-mos no terreno dos propósitos de Deus e vemos que todas as coisas encontram fundamento e centro em CRISTO.

Chegamos também debaixo do Seu gracioso governo. Ele traz aquela luz do céu que nos ilu-mina e aquela luz nos governa, vendo-a brilhar em Sua face. A glória que ilumina o Universo já brilha na face de Cristo. A glória destinada a ser largamente derramada sobre todo o reino de Deus é trazida, agora, para brilhar nEle, para o presente gozo daqueles que são Seus.

Os *“salvadores”* do versículo 21 indubitavelmente são homens que levarão as influências de Sião para lugares longínquos e distantes levantados para este propósito, eles são indicados em conexão com a administração do Reino para irem para o norte, sul, leste e oeste, espalhando a beneficência do governo de Cristo.

A profecia pertence a um tempo futuro. Mas devemos agradecer a Deus por aqueles que atendem a estes *“salvadores”* em nossos dias. Há muitos que já têm os seus olhos abertos para verem as glórias que brilham na face de Cristo.

E, como estas glórias estão escritas em seus corações pelo Espírito Santo, se tornam aptos para pregarem a Cristo Jesus, para iluminar a

outros, para que por este meio outros possam também vir a Cristo. O seu ministério é sempre atraente para Cristo e tende a mover as almas que se encontram longe de Deus a voltarem-se para o caminho de Deus.

E este não é um serviço des-prezível prestado aos santos de Deus. Que bom seria se cada um pudesse ajudar ainda mais aos outros neste ministério!

O objetivo de Obadias foi exatamente este. O seu nome significa “servo do Senhor” e teve o privilégio de prestar um real serviço àqueles do seu tempo, por expor o verdadeiro caráter do homem do mundo, representado por Edom, e guiar os corações do povo de Deus para aquele mundo brilhante que Ele ainda deseja trazer, do qual Sião será o centro da terra e onde o orgulho do homem não terá lugar e onde Cristo será supremo.

Obadias trata do aspecto terreno daquele dia de glória e de bênçãos. Nós, os crentes, temos a nossa porção na parte celestial e goza-mos uma comunhão e conhecimento de Deus que transcendem àquele de Israel.

Porém a parte terrenal é, em grande parte, tipo do celestial. Ainda que não podemos ver Cristianismo em Obadias, podemos, contudo, ver na sua curta profecia aquilo que traz Cristo aos nossos corações, primeiramente na Sua dor e humilhação e depois em glória, como no verdadeiro Sião, no qual todas as bênçãos de Deus são asseguradas, de acordo com o Seu eterno propósito!

Resumo de Obadias:

Não é possível precisar quando viveu Obadias. Alguns creem que foi contemporâneo de Oseias, Joel e Amós; outros, creem que viveu durante o cativeiro.

A palavra chave deste livro é Edom, pois o profeta repreende esta nação pelo espírito e atos de inimizade contra os judeus.

Os edomitas eram descendentes de Esaú e, portanto, aparentados com os israelitas. No entanto, não os deixaram passar por seu país quando Israel viajava do Egito para Canaã. Anos mais tarde, quando os babilônios destruíram Jerusalém, os edomitas mostraram seu rancor unindo-se ao massacre e saqueio dos israelitas.

Por causa de seu orgulho e crueldade, Obadias profetizou a sua completa destruição. O povo judeu será o instrumento divino para a queda de Edom. Depois Israel será liberado e possuirá toda a terra que lhe foi prometida originalmente, incluindo a terra de Edom.



JONAS

Veza após veza, o livro de Jonas tem sido atacado pelos oponentes do Cristianismo por causa da maravilhosa natureza dos fatos nele narrados. Estes fatos, no entanto, têm recebido especial autenticação por parte do Senhor Jesus Cristo mesmo. Os cétricos têm perguntado: Como pôde Jonas permanecer três dias e três noites dentro do grande peixe? Mas o Senhor Jesus afirma que, realmente, ele *“esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe”* (Mateus 12.40).

Apesar disto, os críticos continuam com seus ataques. Dizem eles:

1) Que nenhuma baleia tem uma garganta suficientemente grande para permitir a passagem do corpo de um homem através dela;

2) Que não existiu nenhuma cidade do porte de Nínive naquele tempo que se enquadrasse à descrita no livro de Jonas.

Mas Deus tem confundido, numa maneira tão maravilhosa, a sabedoria dos “sábios”. Está provado, sem qualquer possibilidade de dúvida:

1) Que existem baleias, encontradas no mesmo mar em que Jonas navegou, perfeitamente capazes de engolir um homem e que algumas têm gargantas tão grandes que podem até engolir meia dúzia de homens de uma veza;

2) Que existiu realmente uma cidade que se enquadra perfeitamente com a descrição de Nínive. Ela tem sido posta a descoberto pelas escavações feitas por Layard e outros. Nos dias de Sargão, que reinou pouco depois da visita de Jonas, ela tinha nada menos que 90 milhas (cerca de 162 quilômetros) de circunferência, cobrindo uma área tão grande como a da cidade de Nova Iorque ou da grande Londres de hoje. Continha grandes terras de pastagens para os muitos gados existentes em Nínive, nos quais havia alimento suficiente, no caso da cidade ser sitiada.

Assim as Escrituras são defendidas e confirmadas pelas modernas escavações e os críticos são convictos da sua ignorância!

Jonas mesmo, de acordo com o Novo Testamento, é um tipo de Cristo, tanto nos seus sofrimentos como no seu testemunho.

Deduzimos, das referências dadas neste livro que leva o seu nome, que Jonas não era um dos melhores homens. Desobediente, desconfiado, vingativo, rabugento, o seu caráter, à primeira vista, era pouco atraente.

Mas o Senhor sabia que Jonas era um verda-deiro servo Seu, a despeito de suas falhas, e cuidou dele para que deixasse registrado um tes-temunho que nos possibilita reconhecê-lo como tal. Em 2 Reis 14.25, Jonas é mencionado como “*servo de Jeová*”, cuja profecia ele mesmo a cumpriu.

Além do mais, é digno de nota que Jonas era natural de um lugar chamado Gate-Hefer. Esta vila estava situada bem próxima da antiga cidade de Nazaré. Os fariseus no tempo de Cristo aqui no mundo, desprezando ou ignorando o que dissera o profeta Isaías no seu capítulo 9, ver-sos 1 e 2, declararam que as Escrituras não mencionavam nenhum profeta levantado da Galileia (João 7.52). Mas Jonas, pela sua origem galileia, bem como por outros detalhes, tipificou Aquele que é maior do que Jonas e que também era “*da Galileia*” (Mateus 12.41).

O livro de Jonas pode ser encarado de várias maneiras. O evangelista pode usá-lo como pintando um quadro de alguém fugindo de Deus. A conduta de Jonas foi, como todos os homens em geral, a de um decaído. Ele “*desceu para Jope*” e lá encontrou um navio que ia para Tarsis e “*desceu*” para dentro do navio. Não só isso, mas “*desceu para o porão*” para dormir. Mas, como sempre acontece, a provação vem, cedo ou tarde, para aqueles que se desviam de Deus. Os marinheiros fizeram tremendos esforços para salvar Jonas. Porém, tudo em vão; não conseguiram alcançar o seu objetivo. A única maneira de salvação consistiu naquilo que tipifica a morte e a ressurreição de Cristo: ficar três dias e três noites no ventre do peixe. Só assim ele pôde alcançar a “terra firme”!

O livro também pode ser visto como a história do procedimento de Deus para com um dos Seus servos; é muito instrutivo quando assim o consideramos. Aprendemos que a vontade de Deus deve ser feita a qualquer custo. Jonas se omitiu nisto. Ele percebeu que a sua missão em Nínive seria uma maneira de Deus mostrar Sua misericórdia (4.2), ainda que a mensagem fosse de juízo. Porém ele sentia que o verdadeiro interesse de Israel era a destruição da cidade e que a preservação de Nínive significaria a queda de Israel. Como Moisés e Paulo, seu amor pela sua nação era tão intenso que estava disposto ao sacrifício de si mesmo e a incorrer no desagrado de Deus em lugar de ser o meio de preservação do poderoso inimigo de Israel.

O fundamental em tudo isto foi a sua falta de fé em Deus. Mesmo assim, com que bondade Deus o tratou! Deus não retirou dele a sua missão, mas disciplinou-o e ensinou-o, encarregando-o de levar a Sua

palavra “segunda vez”. E que graça! No meio de toda aquela disciplina, Deus ainda mostrou o Seu cuidado para com o Seu servo faltoso.

Porém, mesmo restaurado ao caminho da obediência e serviço, o coração de Jonas ainda não se tinha voltado à plena comunhão com o coração de Deus e o livro termina com palavras de reprovação. Mas o fato de Jonas ter sido subsequentemente inspirado a registrar esta narrativa, descrevendo as suas próprias faltas e permitindo Deus ter a última palavra, é prova de que, no final, a sua restauração foi completa.

Em terceiro lugar, o livro de Jonas pode ser considerado tipicamente. O ponto de vista típico está, indubitavelmente, na mente do Espírito Santo, pois assim considerando é que encontramos CRISTO nele. Deixe-me, brevemente, indicar como é que isto aparece nos quatro capítulos do livro.

Capítulos 1 e 2

Assim como Jonas foi incumbido de ir com uma mensagem para Nínive, Israel foi encarregado da missão de testificar da graça e da bondade de Deus às Nações, Mas, como Jonas falhou em fazer o que Deus lhe incumbira, viajando para Tarsis, assim também Israel esquivou-se da sua missão, fazendo do comércio e da aquisição de riquezas o seu objetivo, em lugar do testemunho de Deus.

Jonas, por causa da sua desobediência, fez com que os marinheiros gentios que com ele viajavam entrassem naquela borrasca e tempestade. Israel, da mesma maneira, longe de ser uma bênção para as outras nações, trouxe perturbação, por meio da sua infidelidade no tratamento com todas elas, assim como fez Abraão, que trouxe problemas para a casa de Faraó (Gênesis 12.17). O final da conduta de Jonas foi ser lançado ao mar. Neste particular ele foi o objeto da soberana e misericordiosa proteção de Deus.

Assim tem sido também com o povo de Israel. Vencido e espalhado pelos poderes gentílicos, seus filhos estão dispersos no mar das nações. Ainda assim, o cuidado preservador de Deus os acompanhou, ondas de opressão têm caído sobre eles, vagas de sangue têm passado sobre as suas cabeças; ainda assim, eles permanecem até hoje como um povo, uma das maravilhas do mundo, protegidos pela poderosa mão de Deus a despeito de todos os seus pecados.

Os três dias e as três noites que Jonas ficou no abismo são, sem dúvida, um tipo das profundezas pelas quais Israel tem passado e continuarão passando, até o glorioso “terceiro dia” da ressurreição nacional. Uma passagem em Oseias corrobora isto: *“Vinde e tornemos para o Senhor, porque Ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida e a*

ligará. Depois de dois dias nos revigorará; ao terceiro dia nos levantará e viveremos diante dEle” (Oseias 6.1, 2).

Agora, nos sofrimentos de Israel, torturado e ferido por causa da sua loucura, Cristo entrou, em graça. Entregue aos gentios, Ele foi, por eles, esbofeteado, açoitado e crucificado; em maiores profundidades até. As águas vieram sobre a Sua alma. Ele afundou até “*o mais profundo abis-mo*”, onde não houve pé, nas “*profundezas das águas*”, onde a inundação veio sobre Ele. Nosso bendito Salvador desceu até a morte, “*o abismo O rodeou*”. Ele esteve três dias e três noites “*no coração da terra*”.

Mas, nas profundezas dos Seus sofrimentos, Ele clamou a Deus, assim como Jonas. E Deus “*trouxe de novo o Senhor Jesus da morte*”. Ao terceiro dia Jonas atingiu a terra seca. E no terceiro dia Cristo ressuscitou da morte, triunfante.

Como os nossos corações se alegram, podendo descansar sobre esta verdade. A tempestade que encurvou a Sua bendita cabeça agora passou para sempre.

Jonas capítulo 2 nos dá a oração do profeta quando estava no ventre do peixe, depois das suas terríveis experiências nas profundezas. Num certo sentido, ele nos fala da salvação de Deus.

Quase o capítulo todo é cheio de referências aos Salmos. E, como alguns destes são messiânicos, isto é, alusivos a CRISTO, não temos dificuldade em compreender que as experiências de Jonas tipificam as experiências de Cristo.

As referências são mais fáceis de comparação quando colocadas lado a lado:

Jonas 2	Salmos
v. 2	Salmo 120.1
v. 3 a	Salmo 88.6
v. 3 b	Salmo 42.7
v. 4	Salmo 31.22
v. 5	Salmo 69.1
v. 6 b	Salmo 16.10
v. 7	Salmo 18.6
v. 8	Salmo 31.6
v. 9 b	Salmo 3.8.

Como isto cativa os nossos corações para com o bendito Senhor Jesus, em retratá-lo em todos estes sofrimentos e saber que Suas experiências estavam ali! Não se trata aqui de expiação nem dos resultados da obra de Cristo. Falamos das **experiências** de Sua alma, pelas quais certamente fez a expiação, tanto para Israel como para nós.

Frisando um tema como este, estamos pisando em terreno santo. E não devemos nos esquecer que, se Ele veio a este abismo onde o pecado nos trouxe, foi a Sua graça que O trouxe aqui. Isento de qualquer mancha em Si mesmo, o Santo de Deus submeteu-Se a sofrer por nós e suportou não somente aquilo que era legalmente devido a todos os homens por causa do pecado, mas também aquilo que era devido administrativamente a Israel. É nesta última conexão em maior parte que os Seus sofrimentos são descritos nos Salmos e nos Profetas.

Capítulos 3 e 4

Nestes capítulos temos ressaltado, figurativamente, Cristo em Seu testemunho.

Jonas, que de uma maneira simbólica passou pela experiência da morte e ressurreição, tornou-se um “*senal*” para os ninivitas. A sua maravi-lhosa história deve ter sido conhecida deles. Daí a recepção do seu testemunho e, consequen-temente, o arrependimento de toda a cidade.

Assim Cristo veio como um “*senal*” para Is-rael nos dias da Sua carne. Ele foi o “*senal*” que foi “*alvo de contradição*” (Lucas 2.34). Porém na ressurreição Ele tornou-Se um “*senal*” para todo o mundo. O testemunho do Cristo ressuscitado foi “*alvo de contradição*” pelos judeus (Atos 28.22), mas foi “*enviado aos gentios*” e ouvido por eles (Atos 28.28).

A pregação de Jonas entre os ninivitas e os seus maravilhosos resultados é um tipo do tes-temunho de Cristo entre os gentios. Porém, quão maior é o Antitipo do que o tipo! Se milhares em Nínive se arrependeram ante a pregação de Jonas, pense nos milhões que têm sido alcançados pelo Evangelho de Cristo e trazidos ao arrependimento.

E isso será ainda mais verdadeiro no dia em que está prestes a chegar. Os restaurados de Israel, trazidos de volta a Jeová, depois de suas experiências nas profundezas, serão usados por Ele com a Sua mensagem às nações. Em lugar de faltarem com a sua missão, como nos dias passados, eles, alegremente, darão o testemunho da vinda do Reino de Deus. E o arrependimento de Nínive encontrará novamente a recompensa na recepção de sua mensagem por multidões de gentios.

Israel nunca mais desejará excluir os gentios das bênçãos de Deus, como fez Jonas e como o filho mais velho da parábola de Lucas 15. O restante de Israel, sem dúvida, será exposto à tentação de seguir a tradicional atitude dos judeus contra os gentios. Mas nestes últimos dois capítulos de Jonas eles encontrarão salutar instrução quanto à atitude que Deus deseja que eles assumam.

Ele se importa pelos pobres gentios, assim como Jonas se importou pela aboboreira. Deus os criou para a Sua glória e não é

negligente para com eles. O Seu povo escolhido estará sempre presente em Sua mente com relação a eles, mesmo que para isso eles precisem do “*vento calmoso oriental*” e do sol escaldante sobre as suas cabeças até desfalecerem.

Deus revelará Sua maravilhosa graça sobre todos, afinal. Mesmo o mundo animal, os “*muitos gados*” gozarão dos benefícios daquele dia. O leão se deitará com o cordeiro e a misericórdia de Deus será, em toda parte, o tema de cânticos felizes.

Resumo de Jonas:

Admite-se que Jonas profetizou a Israel durante os reinados de Joacaz, Joás e Jeroboão II, mas desconhecem-se as datas exatas.

Deus o enviou a Nínive a clamar contra sua maldade. Esta era a capital da Assíria, o grande inimigo de Israel.

Jonas tinha medo que Nínive se arrepende-se para escapar do juízo de Deus e, por isto, fugiu de barco para Tarsis. Surpreendido por uma grande tempestade, foi lançado ao mar pelos marinheiros, engolido por um grande peixe e depois vomitado na terra.

Após estas experiências, Jonas prontificou-se a ir a Nínive e predisse que, após quarenta dias, a cidade seria destruída. Os ninivitas se arrependeram ao ouvir a pregação e Deus a perdoou por mais 150 anos.

Jonas ficou muito chateado quando Nínive se livrou do castigo divino, mas Deus lhe mostrou que Ele tinha o direito de mostrar misericórdia a quem Ele queria.

A experiência de Jonas no ventre do peixe é uma figura de:

- a) A morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus;
- b) A rejeição de Israel, seu sepultamento entre as nações e sua futura ressurreição.



MIQUEIAS

A profecia de Miqueias é particularmente rica em suas variadas representações das glórias de Cristo. Dentro do espaço limitado de um simples capítulo, um simples esboço deve satisfazer.

O livro é facilmente dividido em três partes principais. Veremos como Aquele de Quem todos os profetas dão testemunho é referido em cada um.

PRIMEIRA PARTE (caps. 1 e 2)

1.2-5

“Ouvi, todos os povos, prestai atenção, ó ter-ra e tudo o que ela contém, e seja o Senhor Deus testemunha contra vós outros, o Senhor desde o Seu santo templo. Porque eis que o Senhor sai do Seu lugar e desce, e anda sobre os altos da terra. Os montes debaixo dEle se derretem e os vales se fendem; são como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo. Tudo isto por causa da transgressão de Jacó e dos pecados da casa de Israel. Qual é a transgressão de Jacó? não é Samaria? E quais os altos de Judá? não é Jerusalém?”

A profecia abre com Jeová tomando o lugar de uma testemunha contra o Seu povo com re-lação ao seu pecado. Como deve ter sido doloroso para Ele ocupar uma posição como esta! Mas nós, que conhecemos algo de Sua ternura, podemos compreender, de certo modo, o Seu fiel amor. É como se um pai fosse obrigado a comparecer ao banco das testemunhas para depor contra um querido e amado filho.

Mas Deus não pode ficar indiferente ante o pecado, seja ele do Seu próprio povo ou do povo do mundo em geral. Ele é um Deus de absoluta santidade e verdade. Desde o princípio do Seu tratamento com os homens, Ele se proclama como tal. Um grande bem que adquirimos pelo estudo do Velho Testamento é que nele podemos conhecer Deus no Seu tratamento com Israel, como um povo, como também com indivíduos.

Em Miqueias encontramos-lo como *“saindo do Seu lugar e descendo e andando sobre os altos da terra”* (1.3). O Seu verdadeiro lugar é o **daquele que abençoa**. O Seu prazer consiste em derramar bênçãos sobre o Seu povo com mãos abertas. O juízo é uma coisa estranha para Ele. Mas, tanto a santidade quanto a verdade, requerem que Ele ponha a Sua mão também naquilo que não Lhe dá prazer e isso faz com que desça do Seu lugar onde está assentado, como o bendito Socorro de bênçãos, para punir a transgressão e repreender os transgressores. Daí a razão de anunciar a completa des-truição tanto de Samaria quanto de Judá.

Porém um importante princípio torna-se claro nesta conexão, isto é, que os avisos dos juízos prestes a serem derramados não são apenas para realçar o pecado e a ofensa, mas especialmente para fazer bem àqueles que andam retamente. Assim, lemos: *“Tais coisas anunciadas não alcançarão a casa de Jacó. Está irritado o Espírito do Senhor? São estas as Suas obras? Sim, as Minhas palavras fazem o bem ao que anda retamente”* (2.7).

Mas alguém pode perguntar: Como podem as predições de juízo beneficiarem os tementes a Deus, os que já são salvos e estão isentos da terrível destruição que envolverá os outros?

Em duas maneiras. Primeiro, ***por aumentar sua confiança em Deus***. Em nossos dias, assim como em tempos passados, há pessoas inescrupulosas que perguntam: Por que Deus permite o mal andar à solta pelo mundo? E os homens perversos se encorajam na sua aparente impunidade. *“Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal”* (Eclesiastes 8.11).

Para responder a todos estes estados de coisas encontramos uma completa resposta numa profecia como esta que estamos estudando. E aqueles que amam a verdade e andam retamente são encorajados em sua fé, ao aprenderem que Deus não vai permitir que o mal continue sempre impune. Ele irá intervir em juízo a fim de assegurar o triunfo final do bem.

Segundo, ***por separá-los, coração e alma, da-queles sobre os quais o juízo está para vir***. Aqui jaz o grande valor, para nós, das profecias do livro do Apocalipse.

Vemos nelas que certas coisas — o grande sistema mundial e a igreja professante no seu estado de apostasia — estão para ser visitados com o derramamento do juízo de Deus. O efeito disso sobre nós é que, agradecidos, seremos conservados fora deles. Não desejamos estar misturados com coisas que estão para serem terrivelmente destroçadas.

2.10-13

“Levantai-vos e ide-vos embora, porque não é lugar aqui de descanso; ide-vos por causa da imundícia que destrói, sim, que destrói dolorosamente. Se houver alguém que, seguindo o vento da falsidade, mentindo, diga: Eu te profetizarei do vinho e da bebida forte, será este tal o profeta deste povo.

“Certamente te ajuntarei todo, ó Jacó; certamente congregarei o restante de Israel; pô-los-ei todos juntos, como ovelhas no aprisco, como rebanho no meio do seu pasto; farão grande ruído por causa da multidão dos homens.

“Subirá diante deles o que abre caminho; eles romperão, entrarão pela porta e sairão por ela; e o seu Rei irá diante deles, e o Senhor à sua frente”.

Israel e Judá foram levados da sua terra por causa do seu pecado. Não tiveram descanso; tinham que se levantar e ir embora. Mas a profecia contempla o futuro, quando Jeová reunirá o remanescente de Israel e os ajuntará como ovelha no aprisco. Em conexão com isto, temos uma linda apresentação de Cristo, porque a restauração de Israel será o Seu trabalho.

Aqui Ele é visto como o grande Removedor de obstáculos. Ele quebrará completamente tudo que impeça o restabelecimento do Seu povo escolhido. Ele fará uma saída para eles, de onde foram espalhados, e os fará voltar do seu cativeiro. Então, como o seu Rei, Ele tomará o Seu lugar como Guia, com Jeová mesmo à Sua frente.

Ainda que isto seja aplicado à restauração de Israel do cativeiro em Babilônia, no passado, o seu cumprimento final é seguramente ainda futuro.

Que maravilhoso será aquele dia quando o Rei de Israel intervirá a favor do Seu povo e os grilhões forem desfeitos como nada em Suas mãos. Quão profundo será o seu gozo quando o grande Libertador da escravidão os levar nova-mente à terra de bênçãos!

SEGUNDA PARTE (Caps. 3 a 5)

3.8

“Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do Senhor, cheio de juízo e de força, para declarar a Jacó a sua transgressão e a Israel o seu pecado”.

O Espírito de Cristo fala no profeta. Qual outro poderia dizer: *“Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do Senhor, cheio de juízo e de força, para declarar a Jacó a sua transgressão e a Israel o seu pecado”*, senão o Senhor Jesus Cristo? Ele é uma prefigura ou tipo de Cristo, no meio de uma nação perversa e depravada, cheio de poder para testemunhar.

4.1-4

“Mas nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes e se elevará sobre os outeiros e para ele afluirão os povos.

“Irão muitas nações e dirão: Vinde e suba-mos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os Seus caminhos e andemos pelas Suas veredas; porque de Sião procederá a lei e a palavra do Senhor de Jeru-salém.

“Ele julgará entre muitos povos e corrigirá nações poderosas e longínquas; estas lanças em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra, mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira e não haverá quem os espante, porque a boca do Se-nhor dos Exércitos o disse”.

Aqui está uma magnífica profecia da bênção milenial, cujas principais características são:

- 1) O ensino divino às nações.
- 2) Leis divinas para todos.
- 3) Desarmamento e paz mundial.
- 4) Poder e glória centralizados em Sião.

Os pensamentos e os planos de Jeová (4.12) serão, então, entendidos. Ele é o Senhor de toda a terra e Ele disporá dela conforme o Seu desejo. O Seu prazer será a exaltação de Sião e fazer com que as Suas bênçãos sejam derramadas sobre todos os povos.

Certamente Deus tem Seus pensamentos e conselhos para o Seu povo celestial, assim como Ele tem os Seus planos de bênçãos para os da terra. Seus propósitos para conosco é nos ter santos e sem culpa diante dEle, em amor, habitando em Sua presença como Seus filhos, ao lado do Seu amado Filho, que sempre habitou lá. Nós somos feitos para levar a imagem dAquele Filho e, como Seus irmãos, para gozar o Seu lugar no amor de Deus, para desfrutar daquela santa e abençoada intimidade para sempre com o Pai e com o Filho. Tudo isto (e muito mais que poderia ser dito) transcende em posição a porção destinada a Israel, que os profetas des-crevem. Mas a mesma gloriosa Pessoa centrali-zará ambas as bênçãos, tanto na esfera celestial como na terrenal. E Ele é digno!

5.1-5

“Agora, ajunta-te em tropas, ó filha de tropas; por-se-á sítio contra nós; ferirão com a vara a face ao juiz de Israel.

“E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.

“Portanto, os entregará até ao tempo em que a que está em dores tiver dado à luz; então o restante de seus irmãos voltará aos filhos de Israel.

“Ele se manterá firme e apascentará o povo na força do Senhor, na majestade do nome do Senhor seu Deus; e eles habitarão seguros, porque agora será Ele engrandecido até aos confins da terra.

“Este será a nossa paz. Quando a Assíria vier à nossa terra...”.

O capítulo 5 se abre apresentando Aquele abençoado e adorável Senhor, o tema do canto celestial, Aquele que foi esbofeteado e rejeitado por Israel, para quem Ele viera para ser o seu Guia e Libertador. O triste tratamento de Israel para com o seu Messias é dado no verso 3. Mas o verso 2 aparece como um amoroso parêntese, mostrando que a mesma preciosa Pessoa, cujos feitos são desde os dias da eternidade, nasceu em humildes circunstâncias, em uma pequena cidade de Judá.

Como isso tudo foge completamente da capacidade da classe mais alta do pensamento humano. Se pensamos nas sublimes alturas de onde Ele veio, ou nas baixas profundezas a que chegou; se consideramos o que Ele foi ou em que Se tornou, apenas podemos nos curvar em atitude de adoração.

Transcendentalmente grande Ele sempre foi. Os dias da eternidade passada conheceram os Seus feitos, todavia baixou à manjedoura, a Belém, à humildade, à pobreza. E Este foi Aquele que foi esbofeteado e morto.

Mas se os homens não quiseram tomar conhecimento das Suas obras, há Um que O aprecia em toda a plenitude. Deveria surgir de Belém para Deus, para ser o Guia em Israel. Deus viria nEle, Aquele que seria o Guia de Israel.

Entrementes, e em paciência e graça, Ele deixaria tudo para Deus e ficaria contente em poder ser para o Seu prazer e glória.

A consequência da rejeição de Cristo por parte de Israel é que a nação desviou-se de Deus, por um tempo. O dia chegará, no entanto, quando a nação que O rejeitou O aclamará como seu Guia. Então Ele Se levantará e os apascentará como o pastor faz com o seu rebanho. Assim a sua prosperidade será assegurada; porque *Ele será Grande*.

Aleluia! Deixem estas palavras calarem fundo nos seus corações todos os que amam ao Senhor. ***Ele será Grande***. Pessoalmente, grande Ele sempre foi. Mas ali, onde Ele foi maltratado e exposto à vergonha, entre o povo que O coroou com ignomínia e desdém ***Ele será Grande***.

E não só no meio do povo de Israel Ele será assim, mas “*até aos confins da terra*”. Ele reinará sem nenhum adversário. Hinos de júbilo serão entoados em Sua honra. Os reis se dobrarão perante Ele. O Seu Nome será como o hino nacional para cada tribo e cada família. Ele, Aquele que nós conhecemos e amamos, Aquele que morreu por nós, *Ele será Grande*. Qual é o crente cujo coração não pulsa com exultação diante desse pensamento?

O radiante dia milenial será introduzido com terrível conflito e derramamento de sangue sem precedente. As grandes hordas do norte, “*a Assíria*” da profecia, descerão rapidamente sobre a cobiçada terra dos escolhidos.

Mas a presença de Cristo será a defesa do Seu povo. *“Este será a nossa paz”* (5.5 a). Sua vinda significará mais que uma vitória. Ela significará a completa derrota do inimigo. Nenhum muro alto, nem hábeis táticas, nem poderosos engenhos de guerra, trarão segurança naquele dia. Ele será a paz.

5.7-9

“O restante de Jacó estará no meio de muitos povos, como orvalho do Senhor, como chuvisco sobre a erva, que não espera pelo homem, nem depende dos filhos de homens.

“O restante de Jacó estará entre as nações, no meio de muitos povos, como um leão entre os animais das selvas, como um leãozinho entre os rebanhos de ovelhas, o qual, se passar, as pisará e despedaçará, sem que haja quem as livre.

“A Tua mão se exaltará sobre os Teus adversários e todos os Teus inimigos serão eliminados”.

Quando Cristo, então, tomar o Seu lugar, Israel será beneficiado de duas maneiras. Primeiro, como orvalho, ou como chuvas sobre a vegetação; Israel será o meio de refrigério e de bênçãos para todos os povos. Segundo, como um leão, Israel será o meio de lançar fora todos os adversários, afastando tudo o que for contrário ao governo de Cristo.

TERCEIRA PARTE (Caps. 6 e 7)

O capítulo 6 nos apresenta uma comovente lembrança da misericórdia e da bondade de Deus e um apelo ao Seu povo, baseado nisto.

O capítulo final (cap. 7) nos dá o espírito de Cristo no profeta, sentindo e denunciando o estado da nação. O verso 6 é citado nos evangelhos como a condição e o estado de coisas produzidos pela presença de Cristo no meio do Seu povo. Os seus olhos (verso 7) estão em Jeová e esperam no Deus da sua salvação. Tudo isto nos fala, sem dúvida, dos pensamentos e dos sentimentos do restante poupado de Israel naquele dia vindouro. O Espírito de Cristo estará neles, assim como esteve nos profetas da antiguidade e estarão aptos para cantar o lindo salmo de louvor e de triunfo dado nos restantes versos do capítulo, terminando assim:

“Quem, ó Deus, é semelhante a Ti, que perdoas a iniquidade e Te esqueces da transgressão do restante da Tua herança? O Senhor não retém a Sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia.

“Tornará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniquidades e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar.

Mostrarás a Jacó a fidelidade e a Abraão a misericórdia, as quais juraste a nossos pais desde os dias antigos”.

Resumo de Miqueias:

A voz deste profeta foi ouvida nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, mais ou menos durante o ministério profético de Isaías.

Dirigiu-se ao povo e aos governantes de Samaria e de Jerusalém (capitais de Israel, o Reino do Norte, e de Judá, o Reino do Sul).

Devido à sua idolatria, injustiça e avareza, cidades estavam destinadas à destruição, a primeira pelos assírios e a segunda pelos babilônios, mas de uma terceira cidade, Belém, o Messias sairia e reinaria em Sião, sobre um resíduo escolhido de Seu povo.

Ele derrotará os assírios e trará paz a Israel. Naquele dia, o remanescente dirá: “Que Deus é como Tu?”



NAUM

Capítulo 1

“Sentença contra Nínive. Livro da visão de Naum, o eclosita.

“O Senhor é Deus zeloso vingador. O Senhor é vingador e cheio de ira. O Senhor toma vingança contra os Seus adversários e reserva indignação para os Seus inimigos.

“O Senhor é tardio em irar-Se, mas grande em poder e jamais inocenta o culpado; o Senhor tem o Seu caminho na tormenta e na tempestade e quem subsistirá diante do furor da Sua ira? A Sua cólera se derrama como fogo e as rochas são por Ele demolidas.

“O Senhor é bom, é fortaleza no dia da angústia e conhece os que nEle se refugiam...

“Eis sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas, do que anuncia a paz! Celebra as tuas festas, ó Judá, cumpre os teus votos, por-que o homem vil já não passará por ti; ele é inteiramente exterminado”.

Naum foi o Barnabé do Velho Testamento, pois o seu nome significa “consolação” e o principal objetivo da sua profecia foi confortar os corações tristes e abatidos do povo de Deus.

Entretanto, o seu ministério difere em larga escala do ministério do Barnabé de Atos dos Apóstolos. Barnabé alegrou-se quando viu que a **graça** de Deus se estendeu também aos gentios e as suas exortações foram alicerçadas na completa clareza daquela maravilhosa graça. Naum, ao contrário, alegrou-se quando contemplou o **juízo** dos gentios e as suas exortações aos homens de Judá foram baseadas no fato de que seus inimigos foram destruídos.

Mas o Espírito de Cristo soprou verdadeiramente tanto em Naum como em Barnabé. Seja pensando em Cristo em graça, sofrendo e orando pelos Seus inimigos, ou pensando em Cristo em poder, esmagando-os sob Seus pés; ainda assim é o mesmo Cristo; Aquele cujo amor nós conhecemos e cuja graça e poder nós já temos provado.

Seja cingido com uma toalha para servir aos Seus discípulos em amor ou com uma espada para lançar a destruição sobre os Seus inimigos, Ele é sempre a mesma bendita Pessoa e em am-bos os caracteres Ele representa **Deus**.

Já temos salientado que o que faz com que o estudo do Velho Testamento seja tão proveito-so é que nele aprendemos sobre os propósitos e o caráter de Deus. Para um completo conhecimento de tudo o que Ele é, temos certamente de recorrer ao Novo Testamento e vê-lo revelado na Pessoa do Filho. Mas o Velho Testamento nos apresenta Deus em conexão com os Seus propósitos para com os homens e a nossa perda será grande se perdermos este ponto de vista.

Somos propensos a esquecer, quando falamos da misericórdia e do amor de Deus, que Ele é também um Ser grande e terrível em Sua intolerância do pecado. O Deus que a mente do século vinte concebe não é o Deus das Escrituras. Isso é como uma brisa das altas montanhas da verdade eterna, o ler as palavras do nosso profeta, descrevendo a ciumenta e grande ira de Deus contra o mal, Sua justiça, Seu poder e Sua majestade.

Sim, Ele é **bom** e o Seu povo encontra nEle uma fortaleza, de fato, no dia da tribulação. Além disso, a Sua ira não é fácil de ser provocada; Ele é “*tardio em irar-Se*”. Mas quando o mal levanta a sua cabeça em insistente hostilidade ao bem e não quer ser subjugado, então na verdade Deus mostra que não é indiferente, mas que a Sua indignação e a Sua terrível ira são de tal maneira que nada pode permanecer diante dEle. Sua piedade é infinita, mas Ele “*não terá o ímpio por inocente*”.

O grande tema da profecia de Naum é o castigo e a destruição de Nínive, a principal cidade do grande e poderoso inimigo de Israel, a Assíria. Isto é o que encontramos nos capítulos 2 e 3.

O capítulo 1 é um salmo, mostrando-nos o estado de alma produzido em Naum mesmo e naqueles a quem o testemunho dos capítulos 2 e 3 fizeram retornar em poder pelo Espírito de Deus.

A ascendência da Assíria significou a ruína de Israel. A destruição da Assíria significaria a salvação de Israel. Podemos nós imaginar que aqueles santos e profetas anelaram a destruição do poder do opressor e fizeram disso o motivo das suas orações e dos seus cânticos? Podemos nós imaginar a alegria e o gozo de Naum em contemplar o desastre que havia de vir sobre Nínive e a bênção que viria sobre Judá como resultado?

Cento e cinquenta anos antes, Deus tinha enviado um aviso àquela cidade culpada, por intermédio do Seu servo Jonas. A mensagem foi recebida e Nínive se arrependeu perante Deus. Mas aquela geração a quem Jonas pregou já passara e Nínive retornara à sua vileza e impiedade, como a porca que volta ao seu despojadouro de lama. O fato de Deus ter esperado cento e cinquenta anos antes de intervir em juízo provou que Ele foi longânimo em graça. Mas o tempo para o julgamento chegara e aqueles a quem Nínive havia oprimido e afligido podiam agora levantar as suas cabeças e regozijar-se.

Tudo isto é, sem dúvida, figurativo do que terá lugar em escala muito maior, no fim dos séculos. A “Assíria” dos últimos dias será o grande inimigo de Israel e a profecia de Naum, indubitavelmente, prevê esta destruição (predita com mais detalhes por outros profetas) e a conseqüente libertação do povo de Deus.

Naum celebra este livramento no capítulo 1 e versículo 15 e aqui nossos pensamentos se voltam para Cristo. As “boas novas” sobre os montes são as boas novas dEle porque Ele, nascido como homem em Belém Efrata, será grande e “será a paz quando a Assíria vier à nossa terra” (Miqueias 5.5).

Não pode haver paz nem bênção fora de Cristo; é Ele que quebrará o jugo do opressor e romperá os seus laços (1.13).

Sem dúvida, naquele dia vindouro de vitória e paz, o majestoso salmo do capítulo 1 de Naum será entoado, assim como para os corações dos seus contemporâneos o Barnabé do Velho Testamento administrará a verdadeira consolação.

Resumo de Naum:

Embora a data exata da profecia de Naum seja desconhecida, é quase certo que ele pregou depois da queda do Reino do Norte e antes da destruição da Assíria.

A sua mensagem foi de consolação para Judá. Quando as tribos do Sul eram ameaçadas pelos assírios, Naum predisse não só que o

inimigo não teria êxito em tomar Jerusalém, mas que Nínive seria completamente destruída e nunca mais seria reedificada.

A batalha contra a capital da Assíria é descrita com grandes detalhes, incluindo a crescente do rio e o fogo consumidor. Naum vê nas ruínas de Nínive a justa retribuição de Deus sobre a gente depravada.



HABACUQUE

1.1-4

“Sentença revelada ao profeta Habacuque.

“Até quando, Senhor, clamarei eu e Tu não me escutarás? gritar-Te-ei: Violência! e não salvarás?”

“Por que me mostras a iniquidade e me fazes ver a opressão? Pois a destruição e a violência estão diante de mim; há contendias e o litígio se suscita.

“Por esta causa a lei se afrouxa e a justiça nunca se manifesta; porque o perverso cerca o justo, a justiça é torcida”.

Habacuque foi um homem que sentiu profundamente o estado deplorável entre o povo de Deus em seus dias. Olhando ao redor, ele viu atos de violência; lutas e contendias abundavam nos lugares onde devia reinar a paz. O perverso parecia sempre ter a primazia e faziam a justiça gemer sob a injustiça.

Era difícil para o profeta entender porque Deus não punha fim a tal estado de coisas. Por que Ele não intervinha para a destruição dos que agiam mal e não salvava aqueles que punham a sua confiança nEle? Até quando Ele se absteria de ouvir o clamor dos Seus santos aflitos? Não haveria uma maneira de desfazer as malhas da iniquidade, nenhum meio de escape para aqueles que amavam a justiça?

A perplexidade de Habacuque levou-o a clamar ao Senhor a fim de, na Sua presença, indagar a respeito das coisas que o estavam afligindo. Como resultado, ele obteve uma maravilhosa visão de Cristo e

aprendeu qual era o intento de Deus para o Seu povo, até chegar aquele dia! Neste sentido, ele descobriu o segredo de como vencer num tempo em que, à sua vista e ao seu bom senso, tudo era escuro, mas que, para a fé, era claro como o metal luzente, isto é, das promessas que firmaram o seu coração e as suas esperanças nAquele que ainda estava para vir (2.2-4).

Quão fácil é estabelecer um paralelo entre os dias de Habacuque e os nossos, nos quais tais coisas abundam! Olhando ao nosso redor, não vemos, mesmo nos círculos dos que se dizem cristãos, coisas que nos causam profundo pesar? Aqueles que amam mais o dinheiro, os que só buscam prazeres e outras formas de mundanismo, nas quais muitos crentes estão envolvidos? Que dizer da frieza geral dos corações e da indiferença em buscar a Cristo? E que dizer das abomináveis doutrinas anticristãs, proclamadas do púlpito por homens que uma vez fizeram promessas de boas obras? Que dizer dos ciúmes e conflitos, das divisões e dos corações empedernidos no meio daqueles que deviam estar andando em paz e em união? Um milhão de outras coisas poderiam ser mencionadas, cada uma suficiente para fazer derramar lágrimas dos nossos olhos e nos prostrar perante Deus, clamando: “*Oh, Deus, até quando?*” (1.2).

Se sentimos estas coisas, estaremos preparados para aprender, como Habacuque, que o caminho certo é aquele que Deus tem para o Seu povo seguir. E nossos corações ficarão fascinados na antevisão do dia radiante, quando Cristo será manifestado e quando a maldade da terra for removida e toda cena será cheia com aquilo que é de Deus.

Em resposta ao clamor do profeta, o Senhor primeiro chamou a sua atenção para a Sua própria obra. “*Vede entre as nações e olhai e maravilhai-vos e admirai-vos, porque realizo em vossos dias uma obra, que vós não creereis, quando vos for contada*” (1.5). Esta é a passagem citada por Paulo, quando pregava Cristo em Antioquia da Pisídia (Atos 13.41) e a sua citação nos mostra que algo mais estava na mente de Deus quando pronunciou aquelas palavras e não apenas agir em juízo contra os caldeus. É em Cristo que aquelas palavras têm o seu completo cumprimento. Ele é Aquele que Deus sempre teve em vista para todas as coisas que Ele tem a fazer e é em Suas mãos que Ele tudo coloca!

Assim, quando Deus chama a atenção dos homens para considerarem a Sua obra, podemos ter certeza que é a Cristo que Ele tem em vista. O caminho que Ele usa pode não ser muito fácil de entender. A evidência de Sua mão na Obra pode não estar bem clara (salvo para aquele que tem os olhos abertos), mas em todo tempo **Deus está trabalhando** e sempre com Cristo como o Seu grande objetivo.

Se Ele trabalha no coração de um pecador, é para que o pecador possa ser trazido a Cristo. Se Ele trabalha nas almas do Seu povo, é para que Cristo tenha a primazia nos seus afetos e para que Ele possa ser formado neles. E, se Ele opera na grande arena da história do mundo, tudo é com o mesmo grande fim em vista, a introdução de Cristo como Aquele a Quem pertence toda a primazia.

O grande clímax da obra de Deus ainda não foi alcançado. Esteve ainda mais longe nos dias de Habacuque do que em nossos dias. Mas a contemplação disso deve ter sido um descanso para o seu coração, especialmente em vista do que Deus iria contar-lhe, isto é, que Deus iria tra-zer os caldeus contra os filhos de Judá para levá-los para o cativeiro, como um castigo sobre eles, por causa do seu pecado. Porque antes dessa obra de Deus chegar ao seu ponto culminante, duas coisas deviam acontecer: primeiro, o Seu povo precisaria ser humilhado e ensinado a andar nos Seus caminhos; segundo, as nações precisariam encher a taça da iniquidade e se tornariam passíveis de julgamento.

Certamente, a expiação de Cristo foi também necessária. Mas não é o caso aqui. A profecia, ainda que se referia ao tempo imediato, olha para o futuro, quando a Igreja terá sido retirada do mundo (1 Tessalonicenses 4.16, 17) e Deus começará a operar nos filhos dispersos de Jacó, a fim de trazê-los ao arrependimento e, finalmente, reuni-los, outra vez, na sua terra prometida. Então eles, ao verem a prevalecência do mal e do poder do ímpio, clamarão ao Senhor. Ficarão admirados que Deus tenha permitido ao inimigo persegui-los, mas aprenderão que estão sendo castigados tendo em vista a bênção final; que as nações, com sua iniquidade tendo chegado ao máximo, estarão prontas para o juízo e que Deus está pronto para trazer a lume aquilo que tem escrito através de todos os séculos — um universo sobre o qual Cristo está para governar e encher com a Sua glória.

2.1-4

“Por-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza e vigiarei para ver o que Deus me dirá e que resposta eu terei à minha queixa.

“O Senhor me respondeu e disse: Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo.

“Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará.

“Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele, mas o justo viverá pela sua fé”.

Habacuque se consumia com pesar pelo seu povo, ao contemplar a cruel opressão dos caldeus. Mas o seu coração sentia um vislumbre dos dias melhores, dizendo: *“Por-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza e vigiarei para ver o que Deus me dirá e que resposta eu terei à minha queixa”* (2.1).

E, como contemplasse o horizonte do futuro de Deus, ele teve uma maravilhosa visão do dia quando *“a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar”* (2.14). Esse dia ainda estava distante, mas Habacuque registrou a visão, de tal maneira, que, ao lê-la, os homens se pusessem a correr. Tinham que correr, em suas aflições, do mundo mau que estava ao seu redor, para o brilhante mundo que a visão lhes indicava. Tinham de se apressar para ele ou, em outro sentido, tinham de “esperar por ele”.

Melhor seria, deixe-me dizer, se eles estivessem esperando por ELE. Porque, guiados pela citação espiritual desta passagem, em Hebreus 10.37, encontramos Cristo também aqui. É Ele que virá e não tardará. Os pronomes **O** e **Ele** do versículo 2 do capítulo 2 de Habacuque, vêm a ser o **Ele** de Hebreus 10.37! Toda a glória da visão de Habacuque resplandece dEle (Jesus). Ele é o sol cujos raios iluminarão a vasta criação de Deus e é por Ele mesmo que toda cora-ção que ama a Sua vinda espera.

Para isto, a fé deve estar em exercício. Havia nos dias do nosso profeta, como nos nossos dias, uma geração incrédula que não cria na obra que Deus estava realizando, conforme lhes foi dito. Por outro lado, houve também *“o justo”* e estes encontrariam alimento para a sua fé na visão dada a Habacuque. A fé faria que fosse real e, assim, os seus corações seriam levados, pela fé, a ver o futuro. Eles viveriam pela fé na-quele glorioso dia que estava para vir, apesar que tudo ao seu redor estava contradizendo as suas esperanças. Como são felizes aqueles que podem:

*“Ver além da noite escura
E esperar o dia chegar”.*

No Cristianismo, as mais brilhantes e melhores esperanças são a porção dos filhos de Deus.

Suas expectativas são a de Um que virá dos céus e o seu descanso será na casa do Pai. Não encontramos nos profetas menores as esperanças que pertencem distintamente aos crentes. Mas Ele ali está, Aquele a Quem pertencemos, embora O conheçamos de modo diferente deles. Em Habacuque Ele é visto como a Pessoa em torno da qual todas as esperanças terrenas do povo de Deus se centralizam, tal como

aspiram por aquele dia do Reino prometido, o dia quando Cristo, o Rei prometido, virá e tomará para Si o grande poder e reinará sobre eles. ‘

3.2-5, 10, 11, 13

“Tenho ouvido, ó Senhor, as Tuas declarações e me sinto alarmado; aviva a Tua obra, ó Senhor, no decorrer dos anos e no decurso dos anos faze-a conhecida; na Tua ira, lembra-Te da misericórdia.

“Deus vem de Temã e do monte de Parã vem o Santo. A Sua glória cobre os céus e a terra se enche do Seu louvor.

“O Seu resplendor é como a luz, raios brilham da Sua mão; e ali está velado o Seu poder.

“Adiante dele vai a peste e a pestilência segue os seus passos...

“Os montes Te veem e se contorcem; passam torrentes de água; as profundezas do mar fazem ouvir a sua voz e levantam bem alto as suas mãos.

“O sol e a lua param nas suas moradas, ao res-plandecer a luz das tuas flechas sibilantes, ao fulgor do relâmpago da tua lança...

“Tu saís para salvamento do Teu povo, para salvar o Teu ungido; feres o telhado da casa do perverso e lhe descobres de todo o fundamento”.

A profecia de Habacuque termina com o que é realmente um salmo de louvor, magnificente em sua descrição da inauguração do glorioso dia por vir. O que ocasionou isso foi o desejo da parte do profeta para que a obra de Deus prosperasse. A obra do inimigo, no entanto, se tornava cada vez mais abundante em toda parte. Mas a alma de Habacuque se firmou na verdade que Deus estava trabalhando, e mais trabalharia, a fim de completar os Seus próprios propósitos. E agora ele ora para que aquela obra se torne proeminente: *“Aviva a Tua obra, ó Senhor, no decorrer dos anos”.*

De acordo com isto, o profeta é levado, em espírito, até ao grande dia no qual as suas esperanças estão firmadas.

Ele viu a intervenção de Deus para com o Seu povo e a completa derrota dos Seus adversários. Não tem Deus usado o mar, as montanhas, o sol e a lua, no passado, em Seus propósitos para com Israel? Assim será no futuro, quando a peste e o fogo e outras formas da visitação divina anunciarão o advento do dia do Senhor.

3.17-19

“Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta e os campos não produzam mantimento; as ovelhas forem arrebatadas do aprisco e nos currais não haja gado,

“Todavia, eu me alegrarei no Senhor, exulta-rei no Deus da minha salvação.

“O Senhor Deus é a minha fortaleza e faz os meus pés como os da corça e me faz andar altaneiramente”.

Isto foi suficiente para Habacuque. Sua alma se firmou tranquilamente nos propósitos imutáveis de Deus e pôde, assim, regozijar-se no Senhor. Tudo o mais ao seu redor poderia parecer desmoronar-se e ir de mal a pior. A figueira podia não florescer; talvez não houvesse fruto na vide e o produto da oliveira poderia mentir; os campos poderiam não produzir mantimento; as ovelhas poderiam ser arrebatadas e nos currais talvez não houvesse pasto; o poder do mal poderia ser cada vez mais forte e aqueles que temiam ao Senhor poderiam ser reputados como nada e um fraco remanescente.

Mas os olhos do profeta não estavam postos sobre coisas desta natureza. De todas estas falhas e desencorajamento, ele vislumbrou o dia do triunfo de Deus e o seu coração pulsou de felicidade. Ele pôde regozijar-se no Deus da sua salvação.

Sua porção estava “nas alturas” e podia andar lá, mesmo agora, pela fé. Seus pés eram como os da corça, aptos para saltar para a frente; desta era de trevas e tristezas para uma era de glória e de gozo! Não podemos nós fazer o mesmo?

Não devemos ficar influenciados pelo ambiente. As coisas na Igreja, assim como no mundo, podem apresentar um quadro muito sombrio. Deserções após deserções dos padrões da verdade podem ter lugar.

“Os da Ásia”, que deixaram o apóstolo Paulo, podem ser seguidos por milhares que carecem da sua doutrina, assim como aqueles.

O Cristianismo, como geralmente é professado, pode ser despojado da sua glória e suas roupas manchadas da imundícia e da lama da terra, mas o propósito de Deus permanece firme e Cristo é Aquele que está prestes para colocar tudo em sua perfeição.

Então, fixemos bem os nossos olhos nEle. Nenhuma falha ou fracasso será introduzido naquele mundo do qual Ele é o Centro. Ele faz com que nossos pés sejam como os da corça.

Saltaremos como ela, do meio de tudo que nos cerca para aquele outro mundo, onde haveremos de viver com Ele, como filhos diante da face do Pai.

Estes são os “lugares altos”, de fato, e agora Ele faz com que os nossos pés andem neles, agora mesmo. Temos o privilégio de explorar a largura e o comprimento, a altura e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento.

Resumo de Habacuque:

Habacuque escreveu sua grande profecia a Judá a respeito da escravidão babilônica, provavelmente durante o reinado de Josias.

Tinha em mente duas grandes perguntas: Por que não castigo Deus os pecados de Judá? E a resposta divina foi que Deus agiria em juízo enviando os da Babilônia para castigar o Seu povo.

E, com isto, Habacuque ficou ainda mais confundido. Por que teria Deus que castigar a Judá com uma nação que era ainda mais pecadora que Judá? E Deus respondeu: “O justo viverá pela fé!” em outras palavras, aqueles que verdadeiramente confiassem no Senhor seriam salvos, enquanto que os incrédulos, incluindo os mesmos babilônios, seriam finalmente destruídos.

Estas respostas satisfizeram ao profeta e ele termina seu livro com uma oração, exaltando a majestade de Deus e expressando confiança nEle a respeito do futuro.



SOFONIAS

Sofonias, como os outros profetas, tem em vista o dia futuro da bênção de Israel e, de uma maneira muito tocante, ele fala como Deus dará descanso ao Seu povo, em Seu amor, e regozija-Se nos Seus resgatados, com cânticos de louvor (3.14). Vamos, agora, estudar como é que ele chegou a este final glorioso e ver como todas as coisas realmente dependem de Cristo.

1.2-4

“De fato, consumirei todas as coisas sobre a face da terra, diz o Senhor.

“Consumirei os homens e os animais, consumirei as aves do céu e os peixes do mar e as ofen-sas com os perversos e exterminarei os homens de sobre a face da terra, diz o Senhor.

“Estenderei a Minha mão contra Judá e con-tra todos os habitantes de Jerusalém; exterminarei deste lugar o restante de Baal, o nome dos ministrantes dos ídolos e seus sacerdotes”.

Neste capítulo de abertura, nos é declarado o caráter amplo e conhecido do julgamento de Deus. O homem tornou-se odioso à vista de Deus; ele poluiu a terra com a sua idolatria e com os seus atos de violência. Até chegou a envolver os animais, as aves e os peixes; o seu pecado corrompeu toda a criação e não sobrou nada, a não ser o ficar sujeito ao juízo de Deus, juízo esse que ficará para Cristo cumprir. Assim Deus consumirá todas as coisas de sobre a face da terra.

2.3, 7, 11

“Buscai o Senhor, vós todos os mansos da terra, que cumpris o Seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura lograreis es-conder-vos no dia da ira do Senhor?”

“O litoral pertencerá aos restantes da casa de Judá; nele apascentarão os seus rebanhos; e à tarde se deitarão nas casas de Ascalom; porque o Senhor seu Deus atentará para eles e lhes mu-dará a sorte.

“O Senhor será terrível contra eles, porque aniquilará todos os deuses da terra; todas as ilhas das nações, cada uma do seu lugar, O adorarão”.

No meio de toda a corrupção sempre houve, e outra vez haverá, um remanescente (no tempo especial do qual a profecia faz referência especial) que teme a Deus. Estes são conclamados a seguir ao Senhor, para que no dia da Sua ira eles possam ser seguramente poupados.

Isto nos leva ao coração da profecia. Sofonias chama estes restantes de *“escondidos do Senhor”* (2.3) e, numa maneira muito especial, ele prevê como os *“escondidos”* serão trazidos do meio da tempestade e da pressão daqueles dias para o gozo e a glória do mundo milenial. E é nessa conexão que nossos pensamentos se voltam para CRISTO, Quem, senão Ele, poderá ser o lugar de esconderijo para os judeus tementes a Deus? Como um outro profeta disse: *“Um Homem será como um lugar de esconderijo contra o vento e uma proteção contra a tempestade”*. NEle encontrarão o seu refúgio. DEle virão os recursos que sustentarão a sua fiel decisão para o caminho da verdade. Ele será o seu guia e protetor até que a terra seja expurgada da presença dos ímpios e tudo ao redor será paz.

A profecia não se refere aos crentes, mas aos judeus. Contudo, podemos observar um perfeito paralelo entre o que Sofonias prediz e o que o Evangelho nos faz conhecer. Porque temos que aprender, antes de tudo, que o homem carnal é completamente odioso aos olhos de Deus, por causa do seu pecado, e, por isso, sujeito ao juízo de Deus. O crente pode ver também o que foi efetuado por ele na cruz de Cristo. O homem, o mundo, o pecado, ele mesmo, são todos julgados e removidos dos

olhos de Deus na morte de Cristo. O fim de toda a carne tem chegado perante Ele.

Mas na Sua ressurreição de entre os mortos começa novamente, como foi antigamente, a história do homem. Isto é, torna-se numa nova ordem, na ordem de Cristo. Ele Se torna para o crente o lugar de refúgio e ficamos cobertos por Ele. É isto que encontramos nos profetas e não podemos ler as palavras de Sofonias sem nos lembrarmos dos meios pelos quais Deus nos traz a Si e para as bênçãos do Cristo ressurreto.

No capítulo 2, as nações ao redor de Israel chegaram ao ponto de julgamento. A Filístia, Moabe, Amom, Etiópia, Assíria, estas nações centrais estavam todas no ponto de serem julgadas. Mas, assim como haverá um restante poupado de Judá, assim também haverá um restante de entre os gentios, para desfrutar das bênçãos do Reino de Cristo. A idolatria será totalmente banida, mas as *“ilhas das nações”* (isto é, as partes mais remotas da terra em contraste com as nações mais próximas ao redor de Judá) entrarão nas bênçãos e os homens adorarão ao Senhor, cada um do seu lugar, em todas estas terras longínquas. Não serão *“escondidos”* como o restante de Judá, durante o tempo do derramamento da ira. Mas quando o juízo for executado eles serão poupados e terão a cura e a paz que virá ao mundo, com o advento de Cristo.

Tanto no capítulo 2 como no capítulo 3, o *“restante”* é o que está principalmente em vista. *“O restante da casa de Judá”, “o restante do Meu povo”* (2.7, 9). Estes são *“um povo modesto e humilde, que confia em o Nome do Senhor”* (3.12) e que são abençoados em conexão com Cristo.

Conservando isto em mente, olharemos para a tríplice maneira em que Cristo é apresentado aqui. Três tempos, em três diferentes conexões. O Senhor é mencionado como estando *“no meio de ti”* (3.12, 15, 17), no meio do Seu povo. E este certamente se refere a Cristo. Ele era o Jeová, chegando no meio do Seu povo para abençoá-lo.

3.5

“O Senhor é justo, no meio dela; Ele não comete iniquidade;... não falha”.

É ao estado de Jerusalém que se refere este capítulo 3. Jerusalém é chamada *“rebelde”* e *“manchada”* (3.1). Os seus príncipes se tornaram como leões, rugindo no meio dela; os seus profetas, levianos, homens pérfidos. Os seus sacerdotes profanaram o santuário e violaram a lei. Mas, em um marcante contraste com tudo isto, vemo-LO sendo apresentado como:

*“Justo no meio dela;
Manhã após manhã,*

Traz Ele o Seu juízo à luz”.

Em Sua vereda aqui, Ele nunca se desviou, nem por um momento, daquilo que é reto. Ele nunca foi influenciado pelas coisas que estavam ao Seu redor. No meio da prevalecente corrupção e hipocrisia Ele brilhou como a verdadeira Luz. Ele esteve “*no meio*” de Israel como o Justo, o Mantenedor da verdade e da retidão.

Mas a Sua presença trouxe à luz as obras do mal e, portanto, a necessidade de condenação. É isto que encontramos em nosso profeta. Mas, ao lado do julgamento, por causa da rebelião, há outros resultados que afloram da Sua presença no meio de Israel. Ele operou, por graça, nos corações de muitos e os atraiu para Si mesmo. Eles não eram de muita importância no mundo; um punhado de pobres pescadores e outros, mas eram preciosos aos Seus olhos, como reluzentes rubis. E eles terão a sua parte no dia vindouro, pois lá serão “*um povo modesto e humilde que confia em o Nome do Senhor*” (3.12).

Este restante, a obra das mãos do Senhor, é caracterizado por aqueles que O marcaram quando esteve aqui no mundo. Ele não teve pecado; assim, somos chamados “*os restantes de Israel que não mais praticarão a iniquidade*” (3.13). Manifestado o Seu caráter, eles serão apascentados pelo alimento que Ele dá e, seguros com a Sua poderosa proteção, deitar-se-ão satisfeitos e não haverá quem os espante.

Isto nos traz a segunda apresentação de Cristo, como o Senhor “*no meio de ti*”.

3.15

“O Senhor teu Deus está no meio de ti, poderoso para salvar-te; Ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no Seu amor; regozijar-se-á em ti com júbilo”.

O pensamento de Deus a respeito do Rei é que Ele reine para o conforto, bênção e paz dos Seus. E isto é o que Cristo fará. Se Ele desenvolve o Seu poder para destruição dos Seus inimigos, Ele o desenvolve também a fim de assegurar o bem-estar do Seu povo.

Israel sofreu demais nas mãos de muitos reis. O seu primeiro monarca oprimiu as famílias e apropriou-se de suas propriedades (1 Samuel 8.11-18) e muitos outros, seus sucessores, fizeram o mesmo. Mas, no final, o Senhor mesmo, na pessoa de Cristo, apoderar-se-á do trono e estará no meio do Seu povo com abundantes bênçãos. Suas mãos estarão cheias de bondade. Se, como o Justo, no meio, Ele trouxe à luz o pecado de Israel (e levou-o sobre Si mesmo), como Rei, no meio, Ele eliminará todo o mal, para que possam dizer: “*Canta... rejubila... regozija-te e, de todo o coração, exulta, ó filha de Jerusalém*” (3.14).

Muito mais poderíamos dizer. Ele que é o Justo e o Rei, é também Deus. É assim que Ele é apresentado em

3.17

“O Senhor teu Deus está no meio de ti, poderoso para salvar-te; Ele se deleitará em ti com alegria”.

Com que clareza podemos perceber o coração de Deus, o Deus de Israel, e o nosso também. Vez após vez, Ele deplorou a incredulidade e o pecado do Seu povo. Quantas vezes Ele tinha implorado e advertido o Seu povo. Mas eles se fizeram como surdos e se desviaram pelo caminho da vaidade, da luxúria e da idolatria.

Mas, afinal, Deus toma o Seu lugar *“no meio”* e mostra-Se poderoso; não para julgar, mas para salvar. Em lugar de lamentar-Se por causa do Seu povo desobediente, Ele Se deleitará com eles com muita alegria.

Em vez de estar continuamente clamando contra eles, Ele Se calará, em amor. É um silêncio profundo, de um amor que está perfeitamente satisfeito; silêncio esse que somente será quebrado pelo som do cântico de júbilo. De quem será este cântico? De Israel? Não. Deus mesmo *“regozija-Se em ti com júbilo”*.

Não há dúvida que também isto fala de Cristo. Assim O temos visto, pois Sofonias no-IO apresenta, no meio do Seu povo, em três maneiras diferentes:

1) Como o Senhor justo, atuando *“por causa da justiça”*, mantendo a verdade.

2) Como o Rei de Israel, atuando por causa do Seu povo, assegurando-lhes as indizíveis bênçãos.

3) Como o Senhor-Deus, atuando por Sua própria causa, realizando os Seus pro-pósitos de graça, satisfazendo o Seu próprio amor e regozijando-se sobre os objetos daquele amor, com cântico.

Resumo de Sofonias:

O profeta nos diz que ministrou nos dias de Josias, rei de Judá.

Há dois temas principais em seu livro: o juízo de Deus e o Seu gozo. Primeiro, Sofonias fala da iminente queda de Judá em consequência de sua idolatria. O Dia do Senhor será um tempo de grande ira, aflição e angústia. Um remanescente é exortado a arrepender-se para escapar da ira de Deus.

As nações vizinhas também serão destruídas por sua maldade, isto é, Filistia, Moabe, Amon, Etiópia e Assíria. O Dia do Senhor significará juízo universal. Nenhum mau escapará.

Mas Sofonias também fala do gozo do Senhor com Seu povo restaurado. Cristo voltará à terra em glória.

Os judeus serão reunidos de seu cativeiro e serão motivo de louvor na terra. Quando sejam restaurados, Deus Se regozijará por causa de sua conversão.



AGEU

Ageu e Zacarias foram colegas no serviço do Senhor, logo após a volta do restante dos judeus do cativeiro em Babilônia.

Eles são mencionados juntos, na história sagrada, profetizando a esses judeus e auxiliando-os na construção do templo.

Aprendemos também que eles foram muito abençoados por Deus no seu trabalho, de maneira que aqueles que foram engajados na construção prosperaram devido ao seu testemunho (Esdras 5.1, 2; 6.14).

Enquanto no livro de Esdras vemos o **lado exterior** do serviço de Ageu, na profecia que leva o seu nome vemos o **lado interior** do seu serviço.

Lá, Ageu animou e encorajou o povo na construção do templo; aqui, fiel e severamente, ele teve que se dirigir ao povo e aos seus dirigentes, devido ao seu baixo estado moral, para que pudesse, depois, confortá-los, revelando os graciosos propósitos de Deus para eles.

1.2-8

“Assim fala o Senhor dos Exércitos: Este povo diz: Não veio ainda o tempo, o tempo em que a casa do Senhor deve ser edificada.

“Veio, pois, a palavra do Senhor, por intermédio do profeta Ageu, dizendo: Acaso é tempo de habitardes vós em casas apaineladas, enquanto esta casa per-manece em ruínas?

“Ora, pois, assim diz o Senhor dos Exércitos: Considerai o vosso passado.

“Tendes semeado muito e recolhido pouco; comeis, mas não chega para fartar-vos; bebeis, mas não dá para saciar-vos; vestis-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe-o para po-lo num saquitel furado.

“Assim diz o Senhor dos Exércitos: Con-siderai o vosso passado.

“Subi ao monte, trouxe madeira e edifiquei a casa; dela Me agradarei e serei glori-ficado, diz o Senhor”.

Justamente na ocasião da primeira profecia de Ageu houve a cessação da obra de construção do templo. No capítulo 4 de Esdras parece que a razão da parada da obra foi o resultado do trabalho dos adversários. Eles acusaram os judeus de tentarem rebelar-se e, munidos de autoridade real, eles apareceram e *“fizeram-nos cessar a obra pela força e poder”*.

Mas houve uma outra razão, uma razão moral, para a cessação da obra. E Ageu é quem a descobre. Era a frieza e a indiferença do povo de Deus. Morando em casas apaineladas, ficaram contentes em deixar a Casa de Deus arruinada, desculpando-se e dizendo: *“Não veio ainda o tempo, o tempo em que a Casa do Senhor deve ser edificada”*.

Não há dúvida que parecia estarem dizendo uma verdade a respeito da espera do tempo de Deus para levarem avante a obra.

Mas Deus já havia dado a ordem para eles edificarem. Será que Deus não ia protegê-los com o Seu poder, caso eles se dispusessem a realizar a obra?

Mas Deus permitiu que houvesse oposição a fim de experimentá-los. Nenhum poder poderia prevalecer contra Ele e a verdadeira razão da cessação da obra não foi a hostilidade dos opositores, nem o decreto de Artaxerxes, mas o fato desses judeus que retornaram estarem mais interessados em suas próprias casas do que na Casa do Senhor.

Não que eles tivessem realmente prosperado em busca de seus interesses materiais. Eles tinham plantado muito, mas colheram pouco; os seus esforços tinham dado poucos resultados. Seca e desgraça prevaleceram entre eles.

A missão de Ageu era de levantar o moral do povo, do qual seu empobrecimento foi a consequência. Ele apela para que eles considerem os seus maus caminhos e para que eles ponham mãos à obra, na construção do templo. Se tão somente fizessem isto, o Senhor se deleitaria na Sua obra. Ele teria prazer no seu trabalho e seria glorificado neles.

Existe algo entre o povo de Deus hoje que nos leve a aplicar as lições peculiares ao tempo de Ageu? Claro que existe.

A casa do Senhor está aqui hoje. Não é uma casa material, construída com pedras e madeira. Ela é composta de **pessoas**. A Igreja de Deus é a Sua Casa (1 Timóteo 3.15).

Mas como realmente é pequeno o **crescimento** em relação a ela! Quão raro, comparativamente, é encontrar os crentes **trabalhando** nas coisas de Deus. Somos exortados a sermos edificados na nossa santíssima fé e sermos *“edificados nEle”* (Colossenses 2.7).

Este é o tipo de obra de construção que há necessidade de se fazer hoje. É o único tipo de edificar que resistirá ao teste daquele dia. Procurar edificar uma causa, ou uma organização, ou, ainda, uma seleção comunitária de crentes que estão reunidos em torno de certas doutrinas ou métodos de proceder..., isto tudo não é o edificar conforme o desejo de Deus.

Que Deus possa levantar homens com o dom de percepção para perceberem a desolação que tem surgido entre o povo de Deus, para notar o prevalecente desânimo das almas e, então, se levantarem e construir. Que Deus possa fazer prosperar a obra de edificação das almas do Seu povo, **em Cristo**.

No resultado de tal obra é que Deus se deleita. Ele é glorificado por meio dela. Edificar as almas em coisas que não são de Cristo, é o mesmo que trabalhar em vão. Mas edificar as almas do Seu próprio povo nEle, é trabalhar para o prazer e a glória de Deus.

Se alguém pergunta: Como podem as almas ser edificadas em Cristo? a resposta é: Pelo ministério dEle mesmo nessas almas. Quando se considera o tipo de tema escolhido para os sermões usados hoje em dia no púlpito, fica-se desanimado vendo quão longe está este ministério do ministério real de Cristo.

Aliás, os servos do Senhor também dispendem muitas vezes seus esforços em edificar “nossa missão”, ou “nossa causa” ou “nossa sociedade”, ou “nossa comunidade”. Tudo isso não é o mesmo que construir “*nossas próprias casas apaineladas*”, enquanto o verdadeiro edifício, conforme Deus, é negligenciado?

2.5-9

“Segundo a palavra da aliança que fiz convosco, quando saístes do Egito. O Meu Espírito habita no meio de vós; não temais.

“Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda uma vez, dentro em pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca;

“Farei abalar todas as nações e as coisas preciosas de todas as nações, virão e encherei de glória esta casa, diz o Senhor dos Exércitos.

“Minha é a prata, Meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos.

“A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o Senhor dos Exércitos; e nesse lugar darei a paz, diz o Senhor dos Exércitos”.

A mensagem de Ageu não caiu em ouvidos surdos. Suas palavras foram atendidas com poder. O temor caiu sobre eles e Deus moveu os seus espíritos. Encorajados pela certeza de sua presença com eles, “*eles vieram e se puseram ao trabalho na Casa do Senhor*” (1.14).

Dentro de quatro semanas, após este novo começo, outra graciosa comunicação foi feita por Deus ao Seu povo, por intermédio de Ageu. Em conexão com isto, encontramos o Cristo introduzido. Isto nos leva ao que é mais objetivamente o nosso tema.

O profeta é incumbido de fazer o povo lembrar do concerto de Jeová, feito com os seus pais quando foram tirados da escravidão do Egito. Certamente o Senhor tinha sido fiel àquele concerto. Os céus e a terra podiam ser abalados, todas as coisas visíveis podiam ser tocadas pelo Seu poder, mas a Sua promessa estaria firme e o Desejado das nações viria.

A palavra traduzida “*coisas preciosas*”, no original, está no plural e bem pode ter o sentido de “*coisas desejadas*”. Mas a referência é, sem dúvida, a Cristo. As coisas que as nações tanto almejam, mas que buscam em vão nesta ou naquela direção, só serão encontradas em CRISTO!

Desejam eles a **paz universal?** Ela será trazida à terra quando Cristo vier (Isaías 2.4). **O governo justo e reto** é um alvo desejado? Esse desejo será satisfeito quando Ele vier (Isaías 11.4).

O conhecimento do verdadeiro Deus é um desejo? A vinda de Cristo cobrirá a terra com ele (Hebreus 8.11).

CRISTO é a única solução verdadeira para as perplexidades de hoje. Só com Ele é possível pacificar as nações, pela submissão à Sua benigna vontade. A Sua vinda introduzirá a terra na idade de ouro.

Desnecessário é dizer que não encontramos em Ageu, nem em nenhuma outra parte do Velho Testamento, aquilo que é a própria espe-rança da Igreja. O Novo Testamento nos mostra que antes da vinda de Cristo, como o Desejado das nações, Ele virá nos arès para buscar todos os que são Seus, para estarem sempre com Ele. Nunca devemos confundir isto, a esperança da Igreja, com o que encontramos nos profetas. Mas é a mesma abençoada Pessoa, tanto se consideramos a Sua vinda com referência à Igreja, a Israel ou às nações.

2.23

“Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, tomar-te-ei, ó Zorobabel, filho de Sealtiel, servo Meu, diz o Senhor, e te farei como um anel de selar; porque te escolhi, diz o Senhor dos Exércitos”.

A profecia conclui com a promessa especial para Zorobabel, o príncipe real da linhagem de Davi. Não há dúvida que aqui ele é figura de Cristo e a promessa feita a Zorobabel será na pessoa do seu grande Filho, ou descendente, porque “*Zorobabel gerou... José, o marido de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado o Cris-to*” (Mateus 1.13, 16).

A promessa é que “*naquele dia*” (o dia da sacudidela das nações, quando os tronos e os exércitos forem vencidos e os guerreiros todos

pereçam pela espada), o Senhor dará um lugar especial de exaltação para o Seu servo, como o Homem da Sua própria escolha.

A vinda de Cristo não significa apenas bênçãos para Israel e para as nações; será a ocasião da Sua própria glória. Aquele que foi coroado de espinhos será o “*anel de selar do Senhor*” (2.23). Ele será glorificado em tudo o que Deus faz, tudo será feito por Cristo e para Ele.

Adão falhou com relação àquilo que lhe foi dado a realizar. O mesmo aconteceu com Noé, com Davi e com todos aqueles a quem foram dadas responsabilidades. Mas, desde o princípio, Deus teve em vista, não Adão, nem Davi, mas CRISTO. Ele é Aquele sobre Quem a escolha de Deus descansa. Sua permanência no mundo durante trinta e três anos provou a retidão daquela escolha e o coração de Deus encontrará deleite em honrar aquele bendito que, como homem, tem justificado inteiramente a escolha divina.

Resumo de Ageu:

Entre os primeiros cativos que voltaram a Jerusalém, após os setenta anos de cativeiro, encontra-se o profeta Ageu. Sob a direção de Zorobabel, um grupo de judeus saiu de Babilônia e começou a reconstruir o Templo.

Os habitantes de Samaria se opuseram vigorosamente a este projeto e assim o trabalho foi suspenso por algum tempo, mas levantaram-se os profetas Ageu e Zacarias para animar o povo a terminar a construção do Templo. Em sua curta profecia, Ageu:

a) Repreende as pessoas por permitirem que o Templo ainda esteja em ruínas, sendo que eles viviam em boas casas;

b) Diz-lhes que considerem os seus caminhos e que edifiquem a Casa do Senhor, porque o Senhor está com eles;

c) Recordá-lhes sua desobediência anterior neste assunto e que o juízo de Deus caíra sobre eles, com a falta de alimentos;

d) Anima-os dizendo-lhes que o Senhor, o “Desejado de todas as nações” virá ao Templo e que sua glória futura será maior que a glória anterior;

e) Ainda predisse que o Senhor transtornará os reinos da terra, mas que Ele salvará os escolhidos.



ZACARIAS

Nenhum estudo bem adequado das glórias de Cristo, como apresentado no livro de Zacarias, seria possível sem entrar em detalhada exposição dos seus catorze capítulos. No entanto, isto está fora de cogitação em um pequeno volume como este.

Contudo, poderá ser de algum proveito notar que esta profecia está dividida em duas partes principais. A primeira (capítulos 1 a 6) contém uma série de visões proféticas; a segunda (capítulos 7 a 14) consiste principalmente de pronunciamentos proféticos e é particularmente rica em sua referência pessoal a CRISTO.

Encontramo-lo também manifesto na primeira parte apocalíptica do livro. Ele é apresentado para ser o grande recurso, tendo em vista o pecado e as falhas da nação de Israel. É o que podemos entender pelo seu título: “o *Renovo*” (3.8 e 6.12). Israel tornou-se como uma árvore morta, sem produzir fruto, somente estorvando a terra. Nenhuma lavoura, nenhum orvalho do céu, nenhum aguaceiro, nada que trouxesse alguma esperança.

Então Deus, intervindo em graça e poder, manifestou o Seu poder para aquela árvore morta, num vivo “*Renovo*”. O Senhor Jesus veio da raça de Israel, “*como raiz de uma terra seca*” (Isaías 53.2), um ramo vivo no meio de uma profissão morta. Como tal, Ele era o Servo do Senhor (3.8), cumprindo toda a Sua vontade sobre a terra e satisfazendo todo o Seu prazer. NEle, finalmente, Deus tinha um Servo em Quem podia confiar inteiramente, Um que nunca falharia.

Todos os outros a quem Ele confiou alguma responsabilidade falharam. Adão, encarregado do domínio da terra, falhou. Noé, investido das armas para governar, falhou. Moisés, incumbido de guiar os exércitos de Israel, falhou. Israel, chamado para ser um canal de bênçãos para as nações, falhou e foi uma maldição, em lugar de bênção (8.13). Davi, investido das honras reais, falhou e seu reino foi dividido em dois. O restante de Judá, restaurado do seu cativeiro em Babilônia e encarregado de manter os interesses do Senhor, falhou.

A Igreja, revestida com o poder de dar testemunho do Salvador, rejeitado aqui na terra e entronizado nos céus, falhou. E que dizer das outras graves falhas que tem havido na Igreja? Cada um de nós, individualmente, encarregado de algum pequeno serviço para o Senhor, tem falhado. Mas Ele nunca!

Ele é apresentado, assim, como o Servo fiel do Senhor e o infalível recurso em relação com o fraco testemunho dos judeus que voltaram do seu cativeiro. Ageu mostra-nos as suas falhas na cessação da obra do templo. Em contraste com isto, lemos: “*Eis aqui o Homem cujo no-me é*

Renovo... Ele edificará o templo do Senhor” (6.12). Sua fidelidade é manifesta em todas as coisas que Lhe foram confiadas e “Ele será revestido de glória” (6.13). Ele é suficientemente grande para suportar a carga que veio sobre Ele, suficientemente poderoso para levar a cabo todos os desígnios de Deus e a glória será toda Sua. E Ele é digno!

Além disso, Ele é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim de todos os meios de bênçãos de Deus. Disto somos lembrados nos capítulos 3 e 4.

No capítulo 3, como a **Pedra Fundamental** do templo, com os sete olhos, que manifesta Cristo simbolicamente como Aquele sobre Quem a estrutura da bênção de Deus é edificada (3.9). No capítulo 4, a **Pedra de Remate**, em meio a aclamações, simboliza Cristo como a coroação e a cobertura daquela estrutura (4.7). Assim como Ele é o fundamento sobre o qual Deus opera as bênçãos, Ele é também Aquele **em vista de Quem** Deus opera.

Deus sempre tem diante de Si a Cristo em todas as obras que Ele faz. Os mundos foram criados não só por meio dEle, mas para Ele (Colossenses 1.16). Ele é, ao mesmo tempo, a Pedra Fundamental e a Pedra Principal de todos os conselhos de Deus.

Mas, sem entrar em muitos detalhes, vejamos como a profecia que está diante de nós nos revela a obra de Cristo para Deus, seja em sofrimento, seja em glória.

Miqueias nos mostra o humilde nascimento dEle, cujas manifestações têm sido “*desde a eternidade*”. Oseias aludiu à Sua fuga para o deserto e o Seu retorno. Isaías mencionou Seu crescimento diante do Senhor como uma tenra planta e agora Zacarias traz-nos alguns dos salientes feitos da Sua vereda na terra.

11.7, 10, 11

“Apascentai, pois, as ovelhas destinadas para a matança, as pobres ovelhas do rebanho. Tomei para mim duas varas: a uma chamei Graça e à outra União; e apascentei as ovelhas.

“Tomei a Minha vara Graça e a quebrei, para anular a Minha aliança, que Eu fizera com todos os povos.

“Foi, pois, anulada naquele dia e as pobres do rebanho que fizeram caso de Mim reconheceram que isto era palavra do Senhor”.

O rebanho do Senhor é visto aqui como alguém que foi entregue a Ele para ser por Ele apascentado. Subjugados por seus opressores (os romanos); traídos e vendidos por aqueles que, com hipócrita piedade, tomaram o Nome do Senhor em seus lábios (Herodes e outros mais); desapiados e abandonados por aqueles que deviam ser os seus pastores (rabis, fariseus, escribas e sacerdotes), poderiam verdadeiramente ser chamados “*ovelhas destinadas para a matança*” (11.7).

Foi um prazer para Cristo, quando esteve aqui no mundo, poder apascentar este pobre e oprimido rebanho. Não que o rebanho, como um todo, apreciasse o Seu gracioso ministério, mas assim mesmo houve alguns que o apreciaram. E a estes Ele alimentou fartamente. Foram estes, *“as pobres ovelhas do rebanho”*, que confiaram nEle e reconheceram que era *“a Palavra do Senhor”* (11.11). Porque neste capítulo o profeta é uma figura de Cristo e o Espírito de Cristo fala nele.

Com relação ao ministério do pastor do Senhor no meio do rebanho, temos o incidente das duas varas — Graça e União. É fácil ver o significado disto; elas manifestam os dois grandes objetivos que o Senhor tinha em vista quando se propôs apascentar o rebanho.

A vara Graça (ou Beleza) simboliza o desejo que Ele teve de fazer de Israel entre as nações. O propósito de Deus para com Israel era de que ele fosse ornado com toda beleza, a beleza da santidade, e fosse o centro do qual o conhecimento de Deus deveria irradiar até aos confins da terra.

A vara União simboliza *“a irmandade entre Judá e Israel”* (verso 14), a união das duas nações rivais.

O Senhor, ao tomar o rebanho sob os Seus cuidados, teve estes dois objetivos em vista. Ele embelezaria Israel com o conhecimento do seu Deus e faria dele a luz e a fonte de bênçãos para todas as nações e uniria em um só o povo dividido.

Mas, com a rejeição do Seu ministério, ambos estes objetivos foram abandonados, por algum tempo. Daí a quebra simbólica das duas varas dos versículos 10 e 14. Porém, o dia chegará quando ambas as nações serão reunidas. A vara Beleza será outra vez restabelecida pelo Pastor de Israel e Sião, *“bela pela sua situação”*, será a alegria de toda a terra e Deus será reconhecido nos seus palácios como um refúgio (Salmo 48.23). Sião será, então, *“a excelência da formosura”* e Deus mesmo *“resplandecerá para todos”* (Salmo 50.2).

A vara União também será tomada e Israel e Judá *“não mais serão duas nações, nem mais será dividida em dois reinos para sempre”* (Ezequiel 37.22). Assim o Senhor servirá o Seu povo nos dias vindouros, como teria servido nos dias passados se eles O tivessem recebido.

SUA ENTRADA EM JERUSALÉM

9.9

“Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta”.

Esta passagem nos é muito familiar, em vista de sua citação nos evangelhos. O Rei de Sião, contrariamente ao que era de se esperar, não

entrou na Sua cidade real com pompa e esplendor. Ele entraria sem nenhuma pompa, montado num jumentinho. Como tudo isto foi tão literalmente cumprido, já o sabemos. Ainda que recebido com hosanas, contudo, não foi recebido como o seu Rei. Mesmo trazendo salvação e sendo justo, não foi apreciado por eles. Isto é o que vemos no capítulo 11, onde lemos da

SUA AVALIAÇÃO PELO POVO

11.12,13

“Eu lhes disse: Se vos parece bem, dai-Me o Meu salário; e, se não, deixai-o. Pesaram, pois, por Meu salário trinta moedas de prata.

“Então o Senhor me disse: Arroja isso ao oleiro, esse magnífico preço em que fui avaliado por eles. Tomei as trinta moedas de prata e as arrojéi ao oleiro na casa do Senhor”.

Na lei mosaica, se um escravo morresse, ferido por um boi, o dono do escravo deveria ser reembolsado pelo pagamento de trinta moedas de prata pelo dono do boi (Êxodo 21.32). Trinta moedas de prata era, portanto, o valor equivalente de um escravo. E esta foi a soma com que o Senhor da glória foi avaliado pelo povo a quem Ele veio para abençoar. Não O avaliaram mais do que o valor de um escravo.

Será que o Seu coração se tornou indiferente a esta mesquinha avaliação de Si mesmo? Não é de admirar que Ele tenha manifestado o Seu triste desabafo na seguinte exclamação: *“Esse magnífico preço em que fui avaliado por eles”* (11.13).

Mas o Salvador deveria ir até a mais profunda tristeza, pois o nosso profeta no-IO apresenta como *“ferido na casa dos meus amigos”* (13.6).

SUA CRUCIFICAÇÃO

13.5,6

“Cada um, porém, dirá: Não sou profeta, sou lavrador da terra; porque fui comprado desde a minha mocidade.

“Se alguém lhe disser: Que feridas são essas nos Teus braços? responderá Ele: São as feridas com que fui ferido na casa dos Meus amigos”.

A passagem toda, se examinada cuidadosamente, é cheia de interesse. A mudança do sujeito é abrupta, mas deve haver um pequeno engano, tendo em vista a linguagem do versículo 7?, mas não há dúvida, são de Cristo mesmo, cujos sofrimentos são descritos.

A frase final do verso 5 deveria ser, mais corretamente, traduzida assim: *“Fui comprado como um escravo desde a Minha mocidade”*. O Senhor Jesus, em graça maravilhosa, dedicou-Se a Si mesmo no serviço do homem. Ele tomou o lugar de servo a fim de poder servir com

eficiência os objetos do Seu amor. Mas as feridas e as chagas foram a Sua recompensa e, na casa daqueles que Ele tão devotadamente amou, Suas mãos foram perfuradas. A cruz foi a vergonhosa resposta da parte do homem ao generoso amor que procurou servir. Mas encontramos algo mais do que isto:

SEUS FERIMENTOS POR DEUS

13.7

“Desperta, ó espada, contra o Meu pastor e contra o homem que é o Meu Companheiro, diz o Senhor dos Exércitos; fere o pastor e as ovelhas ficarão dispersas; mas volverei a Minha mão para os pequeninos”.

Ele está falando de um Homem que é o Companheiro do Senhor; são palavras que não podem ser aplicadas a não ser a Si mesmo. O Senhor dos Exércitos ordena para que a Sua espada desperte, para que o Pastor possa ser ferido. Aqui há coisas profundas e insondáveis.

Perdemos muito se não distinguimos bem as duas maneiras pelas quais o Senhor Jesus sofreu: Suas feridas na casa dos Seus amigos e Seus ferimentos pelo próprio Deus. Tanto aquelas quanto estes estão claramente descritos em o Novo Testamento.

Todos os sofrimentos cruéis que passaram sobre a cabeça do Salvador, feitos pelos homens maus, nunca poderiam ter feito **expição** pelos nossos pecados. Foi o amor que O fez sofrer e foi por causa da verdade e da justiça que Ele foi afligido.

Mas, quando os homens, instigados por Satã, O afligiram e quando o santo Sofredor foi abandonado da Sua contemplação do Pai, durante três horas, por uma impenetrável cortina de trevas, Deus derramou sobre Ele os vasos do Seu reto juízo contra o pecado. *“Ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-O enfermar”* (Isaias 53.10). *“Ele O fez deitar no pó da morte”* (Salmo 22.15). Ele O abandonou. *“Ele O fez pecado por nós”* (2 Coríntios 5.21). Ele fez a Sua espada despertar contra o Homem que era o Seu Companheiro!

É aqui que está a **expição**. A passagem em Zacarias, é verdade, não fala disto. Ela nos mostra as ovelhas espalhadas como uma consequência das feridas do Salvador, ao passo que o resultado da expiação é que eles são salvos e abençoados. Mas a expiação foi feita quando Deus entrou na grande questão do pecado com Cristo sobre a cruz e quando o castigo que devia cair sobre nós foi derramado sobre Ele com toda a severidade. Não foi um mero mártir sofredor. O juízo de Deus caiu sobre Cristo; a Sua alma foi uma oferta pelo pecado; a ira de Deus rolou sobre Ele. Todo o louvor seja a Ele que, com Seu grande amor, suportou todo o castigo, não só por Israel, mas por nós também.

SUA SEGUNDA VINDA

14.1-3

“Eis que vem o dia do Senhor, em que os teus despojos se repartirão no meio de ti. Porque Eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém e a cidade será tomada e as casas serão saqueadas e as mulheres forçadas; metade da cidade sairá para o cativo, mas o restante do povo não será expulso da cidade.

“Então sairá o Senhor e pelejará contra essas nações, como pelejou no dia da batalha”.

O último capítulo do nosso profeta está repleto do glorioso dia que está para vir. Não é a esperança do crente que aqui está apresentada. Antes dos eventos aqui descritos, terá lugar o que chamamos de “o arrebatamento” dos crentes, quer vivos, quer os que estejam dormindo, para encontrarem o Senhor nos ares, conforme 1 Tessalonicenses 4.15-17.

Após a vinda do Senhor para levar o Seu povo da terra e dos túmulos, Ele virá em poder e glória a fim de estabelecer o Seu trono em Sião e para reinar em justiça durante mil anos. Este, o Seu público advento, é o tema de um grande número de profecias, tanto no Velho quanto em o Novo Testamentos. No capítulo 14 e verso 5 lemos: *“Então virá o Senhor meu Deus e todos os santos com Ele”*. A Sua vinda, portanto, será precedida pelo que as Escrituras chamam “o dia do Senhor” (14.1).

Vários “dias” são mencionados, não dias de 24 horas, mas períodos de tempo. A presente era, quando os homens acham que já conseguiram todas as coisas conforme os seus próprios desejos, é chamada o “dia do homem” (1 Coríntios 4.3).

O dia vindouro, de glória, quando a terra será cheia de gozo sob a benéfica direção de Cristo e de Seus santos, esse dia é chamado “o dia de Cristo” (Filipenses 2.16).

E o estado eterno que se seguirá, quando Deus será tudo e em todos, é chamado “o dia de Deus” (2 Pedro 3.12).

Mas, antes que o tempo de bênçãos chegue, haverá um período de juízo e esse período é mencionado em Zacarias 9.1, como o “dia do Senhor”. Durante esse período, Jerusalém experimentará, mais uma vez, os horrores de um terrível cerco. Todas as nações serão reunidas contra ela para a guerra. O livramento virá, no entanto, pela súbita aparição de Cristo!

SUA DESCIDA NO MONTE DAS OLIVEIRAS

14.4, 5

“Naquele dia estarão os Seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente e haverá um vale muito grande; metade do monte se apartará para o norte e a outra metade para o sul.

“Fugireis pelo vale dos Meus montes, porque o vale dos monte chegará até Azei; sim, fugireis como fugistes do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá; então virá o Senhor Meu Deus e todos os santos com Ele”.

Foi ali do Monte das Oliveiras que Ele foi assunto aos céus, com os Seus braços abertos em bênçãos. E sobre esse mesmo monte Ele descerá na Sua segunda vinda. O monte será repartido em dois e Jerusalém se regozijará porque o seu livramento é chegado.

SEU RECONHECIMENTO POR ISRAEL

12.10

“Olharão para Mim, a Quem transpassaram”.

Veja-se também Salmo 22.16 e Apocalipse 1.7. Ungidos com “o espírito de graça e de súplica”, eles se arrependerão amargamente dos maus tratos dados ao seu Messias. Com os corações quebrantados e com os olhos rasos de água, eles O contemplarão.

O alegre reconhecimento e o verdadeiro arrependimento da parte do povo serão seguidos do conhecimento, da parte de Deus, de que eles serão novamente o Seu povo. *“Direi: é o Meu povo. Eles dirão: o Senhor é o meu Deus”* (13.9).

A DESTRUIÇÃO DO INIMIGO

Quando o Senhor vier, encontrará uma grande reunião de forças do mundo montada contra Jerusalém. Ele tomará a causa do Seu povo e *“pelejará contra essas nações”* (14.3). Capítulos atrás o profeta fala da destruição do Anticristo (11.17). Tudo o que for contrário a Cristo será varrido do caminho em juízo.

SEU GOVERNO SOBRE A TERRA

14.9

“O Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um só será o Senhor e um só será o Seu Nome”.

Não haverá rei inimigo, não haverá choques de interesses, nem ciúmes entre as nações. Todos serão submissos ao Seu governo.

SEU SACERDÓCIO REAL

Uma passagem notável (6.13) nos conta que, quando o Reino for estabelecido, Cristo “*será sacerdote no Seu trono*” e haverá perfeito concerto de paz entre Ele e o Senhor Deus.

Como Rei, Ele administra real bondade de Deus aos Seus súditos, Ele os guarda de perigos e faz com que habitem em paz. Como Sacerdote, Ele mantém o interesse do Senhor entre eles e é o meio da sua aproximação de Deus. Em conexão com esta função de sacerdote que o Senhor exercerá naquele dia, temos

SUA EDIFICAÇÃO DO TEMPLO

O templo foi construído no tempo de Zacarias, foi embelezado e reparado por Herodes, mas foi destruído pelos romanos. Um templo futuro, que será construído pelos judeus renegados, também será destruído (Daniel 8.11). Mas o próprio Messias, o Sacerdote-Rei, edificará o templo que será o centro da adoração de Israel, naquele dia por vir (6.12, 15). Ele, graciosamente, permitirá que outros sejam associados na sua obra, mas o templo será levantado sob as Suas vistas e Ele será a sua luz e a sua glória.

Naquele dia, os homens subirão, ano após ano, para adorar o Rei (14.16). Jerusalém será marcada pela santidade, até mesmo nas campainhas dos cavalos, pelas panelas e bacias (14.20).

Então, um vasto sistema de bênçãos e de glória, embarcando milhões incontáveis debaixo da Sua benéfica influência, terá lugar. O centro de tudo isto, sua Coluna e Sustentador, seu Sol e seu brilho, será CRISTO. Que gozo será para nós podermos contemplar tudo isto, sabendo que nossa porção será numa esfera mais alta, a casa do Pai, lá em cima, onde, como filhos, estaremos **em casa**, respirando a atmosfera do amor divino e conhecendo o Pai e o Filho numa santa e abençoada intimidade.

Resumo de Zacarias:

Zacarias, também profeta com os cativos que regressam à Palestina, uniu-se a Ageu animando as pessoas a reconstruírem o Templo.

Através de oito visões e usando uma linguagem simbólica, predisse a destruição dos impérios mundiais dos gentios, o juízo sobre o judaísmo apóstata por sua rejeição do Cristo, a limpeza, restauração e glória do remanescente e a prosperidade futura de Jerusalém.

É Zacarias que, de entre os profetas menores, é o que mais nos fala do Messias. Profetiza Sua entrada em Jerusalém, Sua traição por trinta

moedas de prata, Suas feridas, Sua morte como Pastor ferido, Sua vinda ao Monte das Oliveiras e Seu Reinado milenar como Sumo Sacerdote e Rei. Também fala do Senhor como o Renovo e o Servo de Deus.

O quadro da glória vindoura que Zacarias apresenta tinha por objetivo estimular os renovados esforços dos que edificavam o Templo.



MALAQUIAS

As páginas de Malaquias são contra a grave condição moral do restante dos judeus, os quais, na Sua misericórdia, Deus trouxe de volta do cativo em Babilônia. Em particular, o estado mau dos sacerdotes ia de mal a pior.

Ao estudar a profecia, devemos, naturalmente, meditar muito sobre isso porque no estado das coisas ali descritas encontra-se um perfeito paralelo com o estado presente de muitos que se dizem cristãos.

Há, também, valiosa instrução e grande encorajamento para aqueles que procuram ser fiéis a Cristo, no meio da generalizada degradação e apostasia.

Isso tudo, porém, não atinge o escopo do nos-so tema, que é Cristo nos Profetas Menores. Devemos, portanto, limitar os nossos pensamentos naquilo que Malaquias nos apresenta concernente a Ele.

Encontramo-LO manifestado em dois aspectos principais:

- 1) Como o Mensageiro do Senhor.
- 2) Como o Sol da Justiça.

O próprio profeta era um tipo de Cristo no seu caráter primário. O seu nome significa “Meu Mensageiro”, indicando este fato. O seu serviço era o de fazer o povo lembrar os clamores do Senhor para eles e o Seu amor e desejo de abençoá-los.

1.2; 3.10

“Eu vos tenho amado, diz o Senhor; mas vós dizeis: Em que nos tens amado? Não foi Esaú irmão de Jacó?, disse o Senhor; todavia, amei a Jacó...”

“Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento em Minha casa e provai-Me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida”.

Nestes versículos o profeta faz transparecer o Senhor Jesus no Seu passado de serviço aqui. Ninguém manteve-se tão fielmente no clamor do Senhor como Ele; ninguém foi tão zeloso nas coisas que Lhe eram devidas. Para isto as Suas palavras memoráveis dão testemunho: *“Dai... a Deus o que é de Deus”.*

No entanto, ninguém jamais falou tão ternamente como Ele do amor de Deus para com a Sua criatura decaída, o homem. Ninguém jamais proclamou tão insistentemente a respeito da vontade de Deus em abençoar. Tome-se, por exemplo, a tripla parábola de Lucas capítulo 15. Aqui Deus aparece como um pai, com um coração cheio de ternura para com o filho pródigo, correndo com ardente desejo de recebê-lo e lhe conceder favores, mesmo nada merecendo. Verdadeiramente, o bendito Salvador, ao contar esta parábola, foi o Mensageiro da graça de Deus para os homens.

Mas Ele aparece ainda mais marcante neste caráter em duas passagens do nosso profeta:

2.7

“Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque Ele é Mensageiro do Senhor dos Exércitos”.

Nesta passagem é descrito o verdadeiro sacerdote. Os filhos de Aarão deveriam ter correspondido a esta descrição, mas ninguém o fez, salvo de uma maneira falsa e parcial. As funções sacerdotais aqui mencionadas permanecem para serem inteiramente cumpridas pelo Senhor Jesus Cristo.

Foi principalmente por causa das falhas dos sacerdotes que os profetas foram levantados. O sacerdócio se tornou corrupto; a lei da verdade cessou nas bocas dos sacerdotes e os seus lábios não conservaram o conhecimento. Os profetas surgiram então para serem os mensageiros do Senhor ao povo. Zacarias nos mostra que nos dias futuros não haverá mais necessidade de profetas.

Naquele dia, qualquer que se fizer de profeta será conhecido como *“falador de mentiras”* (Zacarias 13.3). A função sacerdotal exercida por Cristo mesmo, em perfeição, substituirá o dom especial e o ofício de profeta não mais será necessário. Ele, o Sacerdote, no Seu trono

(Zacarias 6.13), cumprirá completamente a descrição dada em Malaquias 2. A lei da verdade estará em Sua boca; Seus lábios conservarão o conhecimento; os homens buscarão a lei em Sua boca e Ele será o verdadeiro Mensageiro do Senhor dos Exércitos.

Então a profecia de Isaías será cumprida: *“Ele nos ensinará acerca dos Seus caminhos”*. Então a terra se encherá do conhecimento do Senhor.

Mas Ele também é o Mensageiro do **Concerto**; isto é, é nEle que as bênçãos da Aliança se tornarão um bem para Israel.

3.1

“Eis que Eu envio o Meu Mensageiro que preparará o caminho diante de Mim; de repen-te virá ao Seu templo o Senhor, a Quem vós buscais, o Anjo da Aliança a Quem vós dese-jais; eis que Ele vem, diz o Senhor dos Exércitos”.

O capítulo 2 termina com a pergunta incrédula: *“Onde está o Deus do juízo?”* E o início do capítulo 3 dá a resposta. Deus enviaria o Seu mensageiro (João Batista) para preparar o caminho para a vinda dEle, de Quem indagaram. O Senhor, de quem perguntaram: *“Onde está?”*, aparecerá de repente. Mas quem suportará a Sua vinda? Quem permanecerá em pé quando Ele aparecer? Porque, assim como o fogo da refinaria consome a escória, assim Ele destruirá tudo o que for odioso a Ele para que só o que Lhe é agradável permaneça à Sua vista.

A profecia tem sido cumprida parcialmente. O mensageiro já foi enviado para preparar o caminho do Senhor e o Senhor mesmo já veio ao Seu templo. Mas a profecia olha um pouco mais para a frente, para a Sua segunda vinda. Todo o período da graça já terá passado e os nossos pensamentos são levados ao tempo quando o Senhor cumprirá os termos do Seu gracioso Concerto e quando Cristo, o Mensageiro daquele Concerto, então virá. Sua presença provará cada pessoa e cada coisa. Os filhos de Levi são especialmente citados como vindo debaixo de Sua mão para purificação, enquanto Ele será um *“rápido testemunho”* contra aqueles que praticam o mal e não O temem.

3.16-18

“Então os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros; o Senhor atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dEle para os que temem ao Senhor e para os que se lembram do Seu Nome.

“Eles serão para Mim particular tesouro naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos; poupá-los-ei como um homem poupa a seu filho que o serve.

“Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não O serve”.

Uma promessa especial é dada àqueles que temem o Seu Nome. Um remanescente entre os restantes de Judá terá doce comunhão, uns com os outros nas coisas do Senhor. Eles conversam entre si. Pensam no Nome do Senhor. E eles são de um valor peculiar aos Seus olhos.

Ele se deleita em chamá-los como Sua propriedade, Suas joias.

Certamente a referência profeticamente fala do restante de Israel num dia futuro, após o presente período (do Cristianismo), quando a Igreja já terá sido arrebatada para estar com o Senhor. Nos dias que imediatamente precedem a Sua aparição em glória, o curso do mal passará rapidamente. Então aparecerá o povo de Deus, um pequeno remanescente, cuidando das coisas de Deus, com seus corações pulsando verdadeiramente por Ele.

Sem ao menos pensar em ser um remanescente (porque um “remanescente” conforme se entende hoje inclui *todos* os que são de Deus), certamente o leitor destas páginas pode procurar seguir a prática deste povo de Deus.

Não podemos nós, que tememos ao Senhor, falar uns com os outros a respeito dEle? Não podemos nós desfrutar a doce comunhão nas coisas que Lhe pertencem? Não será tal prática aceitável aos Seus olhos?

4.1, 2

“Pois eis que vem o dia e arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo.

“Mas para vós outros que temeis o Meu Nome nascerá o Sol da Justiça, trazendo salvação nas Suas asas; saireis e saltareis como bezerras soltos na estrebaria”.

A promessa especial dada àqueles que temem ao Senhor é que **para eles** o Sol da Justiça nascerá, trazendo salvação nas Suas asas. Para aqueles que vivem no resplendor do dia do homem, o “Sol” não se torna necessário. Eles já têm a sua recompensa. Para tais, o futuro trará apenas trevas, não luz. Mas, para aqueles que temem ao Senhor, o tempo da Sua ausência é como uma noite escura. **A eles** é dada a promessa do Sol da Justiça, que tornará a sua noite em dia.

CRISTO é o Sol da Justiça. Quando Ele aparecer, a noite desaparecerá. Para os que são Seus, as tristezas e lamentos serão coisas do passado.

Em contraste com isto, **a esperança do crente é a brilhante Estrela da Manhã** (Apocalipse 22.16). A estrela da manhã aparece

sempre antes do sol nascer. Cristo é a Estrela da Manhã. Antes dEle vir, trazendo salvação em Suas asas para esta terra tão abatida, Ele virá para nos arrebatá-lo, para estarmos sempre com Ele, nas alturas. Então se seguirá um período de intensas trevas, terminando somente quando o Sol da Justiça lançar os bem-vindos raios de luz e de calor sobre este mundo!

Resumo de Malaquias:

O último profeta do Antigo Testamento provavelmente profetizou durante o fim do governo de Neemias.

Isto aconteceu 400 anos antes de Cristo.

A condição moral do povo era extremamente má. Neste livro vemos a Deus carinhosamente arrazoando com o povo, enquanto que eles disputavam com Deus e justificavam suas condições.

Entre os abusos nos dias de Malaquias, mencionam-se:

- a) As pessoas demonstravam falta de amor para com o Senhor;
- b) Os sacerdotes ofereciam sacrifícios imperfeitos;
- c) Estes negavam-se a trabalhar sem pagamento;
- d) Os homens de Judá casavam-se com mulheres idólatras;
- e) Não pagavam seus dízimos.

Malaquias profetiza a vinda de Cristo precedida de Seu mensageiro, João o Batista.

Depois profetiza sobre o Dia do Senhor, quando o Sol da Justiça se levantará em juízo sobre os ímpios, mas em bênção para o remanescente fiel que teme ao Senhor.



CONCLUSÃO

Em nosso estudo dos Profetas Menores temos procurado encontrar Aquele que é o amante das nossas almas. “DEle, todos os profetas dão testemunho” (Atos 10.43).

Se agora O conhecemos, numa maneira mais profunda e mais completa através das páginas do Novo Testamento; se a nossa íntima

relação com Ele é maior do que a que os profetas experimentaram e que existia entre Ele e a nação escolhida e amada, todavia, **Ele é o mesmo**, o Senhor bendito, que contemplamos nos es-critos que temos diante de nós.

Que Deus possa ser servido em torná-lo cada vez mais precioso aos nossos corações. Fora dEle, o Cristianismo torna-se mera filosofia. A doutrina, a menos que seja apresentada numa viva conexão com Ele, é vã teologia. A profecia, a menos que seja relacionada com Ele como seu único e amado Centro, não passa de um estudo intelectual. Ele é a soma e a substância de tudo isto; o cumprimento de todas as promessas; o alvo de toda esperança.

O tempo gasto aos Seus pés, aprendendo dEle, é tempo bem aproveitado e produzirá fruto nos dias da eternidade, prestes a chegar!

